



L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL  EM PORTUGUÊS*Unicuique suum Non praevalent*

Ano XLIX, número 42 (2-537)

Cidade do Vaticano

quinta-feira 18 de outubro de 2018

A constelação dos santos

GIOVANNI MARIA VIAN

São sete, mulheres e homens, os cristãos proclamados santos pelo Papa durante a grande celebração que teve lugar no adro da basílica de São Pedro. Sob o sol de outubro, com mais de metade do colégio dos cardeais e com duzentos bispos de todas as partes do mundo, eram dezenas de milhares os fiéis presentes, vindos também de longe, como os de El Salvador e da Bolívia, numerosíssimos e alegres, da Campânia e da Lombardia.

Uma imagem visível da variedade e da universalidade da Igreja, precisamente como a que é oferecida pela constelação dos novos santos. Eles são um jovem operário vítima do trabalho e da crueldade dos homens, duas mulheres corajosas, dois sacerdotes próximos do povo, um arcebispo mártir, um papa: Nunzio Sulprizio, Nazária Ignácia March Mesa, Catarina Kasper, Vicente Romano, Francisco Spinelli, Óscar Arnulfo Romero Galdámez, Paulo VI. Canonizações que realçaram um dado essencial na tradição cristã, ou seja, que a santidade é para todos.

Como explicou o Pontífice, comentando o trecho evangélico sobre o jovem rico, porque «Jesus muda a perspectiva: dos preceitos observados para obter recompensas ao amor gratuito e total», enquanto «o problema se apresenta da nossa parte: o nosso demasiado ter, o nosso muito querer sufocam-nos, sufocam o nosso coração e tornam-nos incapazes de amar». Por isso, é preciso pedir «a graça de saber renunciar por amor ao Senhor: renunciar às riquezas, renunciar às nostalgias de funções e poderes, renunciar a estruturas que já não são adequadas ao anúncio do Evangelho, aos pesos que travam a missão, aos vínculos que nos ligam ao mundo», insistiu Francisco.

O exemplo dos cristãos agora canonizados mostra que se trata de uma opção corajosa mas possível. E «é belo» que juntamente com Paulo VI «e demais Santos e Santas hodiernos, tenhamos D. Óscar Romero, que deixou as seguranças do mundo, incluindo a própria incolumidade, para consumir a vida — como pede o Evangelho — junto dos pobres e do seu povo, com o coração fascinado por Jesus e pelos irmãos», disse o Papa, que improvisou algumas palavras sobre «o nosso jovem abruzo-napolitano, Nuncio Sulprizio: o santo jovem, corajoso, humilde que soube encontrar-se com Jesus no sofrimento, no silêncio e na oferta de si mesmo».

Sem esta escolha de coragem «a nossa vida e a nossa Igreja adoecem» repetiu o Pontífice, que em poucas palavras sintetizou em seguida o exemplo do seu predecessor Montini. Inspirando-se em São Paulo, «consumiu a vida pelo Evangelho de Cristo, cruzando novas fronteiras e fazendo-se testemunha d'Ele no anúncio e no diálogo, profeta de uma Igreja extrovertida que olha para os distantes e cuida dos pobres. Mesmo nas fadigas e no meio das incompreensões, Paulo VI testemunhou de forma apaixonada a beleza e a alegria de seguir totalmente Jesus. Hoje continua a exortarnos, juntamente com o Concílio de que foi sábio timoneiro, a que vivamos a nossa vocação comum: a vocação universal à santidade». E acrescentou: «Não às meias-medidas, mas à santidade».

Escolha corajosa

Canonização de sete testemunhas da fé



NESTE NÚMERO

Pág. 2: Mensagem do Papa para o dia mundial da alimentação; *pág. 3:* Agenda da Biblioteca do Vaticano para 2019, por José Tolentino de Mendonça; *pág. 4:* Carta do Papa ao cardeal Wuerl; Aos participantes no fórum inter-religioso G20 de Buenos Aires; *pág. 5:* Sexta, sétima e oitava congregações gerais do sínodo; *pág. 6:* Nona e décima congregações; *pág. 7:* Síntese do círculo lusitano sobre a segunda parte do Instrumentum laboris; *págs. 8 e 9:* «A escolha corajosa», canonização de novos santos; Um cristão que se tornou Papa, por Giovanni Maria Vian; *pág. 10:* O prefeito da Congregação para as causas dos santos apresenta as figuras dos novos canonizados; *pág. 11:* Aos peregrinos de El Salvador; *pág. 12:* O Papa em diálogo com jovens franceses; *pág. 13:* Aos sacerdotes da diocese francesa de Créteil; *pág. 14:* Audiência aos peregrinos da arquidiocese polaca de Cracóvia; *pág. 15:* Informações; *pág. 16:* Catequese de quarta-feira.

«Falta realmente a vontade política» de «querer de veras pôr fim à fome»: é a forte denúncia contida na mensagem enviada pelo Papa Francisco ao diretor-geral da Organização das Nações Unidas para a alimentação e a agricultura (Fao), a 16 de outubro, Dia mundial da alimentação de 2018, que este ano tem como tema: «As nossas ações são o nosso futuro. Um mundo com Fome Zero em 2030 é possível». A seguir, a tradução da mensagem pontifícia.



Falta a vontade política de erradicar a fome

Mensagem do Papa para o dia mundial da alimentação



Ao Professor JOSÉ GRAZIANO DA SILVA
Diretor-Geral da FAO

Ilustríssimo Senhor!

1. A celebração anual do *Dia Mundial da Alimentação* traz à ribalta da atualidade internacional as necessidades, ansiedades e esperanças de milhões de pessoas que carecem do pão quotidiano. Infelizmente, não cessa de aumentar o número imenso de seres humanos que não têm nada, ou quase nada, para levar à boca. Deveria ser o contrário, mas as estatísticas recentes mostram, com evidência desconcertante, como parece resfriar a solidariedade internacional. E, quando falta a solidariedade, todos estamos cientes hoje de que as soluções técnicas e os projetos, mesmo os mais elaborados, não são capazes de enfrentar a tristeza e a amargura de quem sofre por não conseguir alimentar-se de maneira suficiente e saudável.

O tema de que nos ocupamos este ano — «As nossas ações são o nosso futuro. Um mundo com Fome Zero em 2030 é possível» — torna-se um apelo urgente à responsabilidade de todos os atores que compartilham os objetivos da *Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*, um grito para nos tirar do torpor que frequentemente nos paralisa e inibe. Este não pode ser simplesmente mais um Dia, contentando-nos com recolher informações ou satisfazer a nossa curiosidade.

Devemos «tomar dolorosa consciência, ousar transformar em sofrimento pessoal aquilo que acontece ao mundo e, assim, reconhecer a contribuição que cada um lhe pode dar» (Carta enc. *Laudato si'*, 19). Por conseguinte, somos convidados todos, mas de modo especial a FAO, os seus Estados-membros, os organismos e instituições nacionais e internacionais, bem com a sociedade civil e todas as pessoas de boa vontade, a redobrar os nossos esforços para que a ninguém falte, em quantidade e qualidade, o alimento necessário.

2. De nós, os pobres esperam uma ajuda eficaz que os tire da sua prostração, e não meros propósitos ou convênios que, depois de estudar detalhadamente as causas da sua miséria, tenham como único resultado a celebração de eventos solenes, compromissos que nunca se concretizam ou vistosas publicações destinadas a engrossar os catálogos das bibliotecas. Neste século XXI, que registou avanços consideráveis nos campos da tecnologia, da ciência, das comunicações e das infraestruturas, deveríamos corar de vergonha por não ter obtido idênticos avanços em humanidade e solidariedade que nos levem a satisfazer as necessidades primárias dos mais desfavorecidos. Também não podemos ficar tranquilos por ter enfrentado as emergências e as situações desesperadas dos necessitados. Todos somos chamados a ir mais longe. Podemos e devemos fazer melhor com os desvalidos. Para isso, é preciso passar à ação, de modo que desapareça completamente o flagelo da fome. Isto requer políticas de cooperação no desenvolvimento que estejam, como indica a *Agenda 2030*, orientadas para as necessidades concretas dos indigentes. É necessário também uma atenção particular aos níveis de produção agrícola, ao acesso ao mercado dos produtos alimentares, à participação nas iniciativas e ações e sobretudo é preciso reconhecer que, na hora de tomar decisões, os países possuem igual dignidade. Ao mesmo

tempo é essencial compreender que, quando se trata de enfrentar eficazmente as causas da fome, não são as solenes declarações que farão erradicar definitivamente este flagelo. A luta contra a fome reclama imperiosamente um financiamento generoso, a abolição das barreiras comerciais e sobretudo o aumento da resiliência face às alterações climáticas, às crises económicas e aos conflitos armados.

3. Um dos princípios que deve guiar a nossa vida e o nosso compromisso é a convicção de que «o tempo é superior ao espaço» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 222), o que significa que devemos dar impulso, com clareza, convicção e tenacidade, a processos prolongados no tempo. O futuro não habita nas nuvens, mas constrói-se suscitando e acompanhando processos de maior humanização. Podemos sonhar um futuro sem fome, mas isso só é legítimo se nos envolvermos em processos tangíveis, relações vitais, planos operativos e compromissos reais. Para tal envolvimento, a iniciativa *Fome Zero 2030* oferece um quadro propício e servirá, sem dúvida, para realizar o segundo dos *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030*, que visa «erradicar a fome, obter a segurança alimentar e a melhoria da nutrição, e promover a agricultura sustentável». Alguém poderia observar que ainda temos à nossa frente doze anos para realizar este plano. Mas, os pobres não podem esperar; não o permite a sua situação calamitosa. Por isso, é necessário agir de modo urgente, coordenado e sistemático. Uma vantagem destas propostas é ter conseguido estabelecer metas específicas, objetivos quantificáveis e indicadores precisos. Sabemos que é necessário harmonizar uma dupla via de atenção, ou seja, ações a longo prazo e a curto prazo, para enfrentar as condições concretas daqueles que, hoje, padecem as

CONTINUA NA PÁGINA 3

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL • EM PORTUGUÊS
Unicuique suum • Non praevalebunt

Cidade do Vaticano
ed.portugues@ossrom.va
www.ossromatoromano.va

GIOVANNI MARIA VIAN
diretor

Giuseppe Fiorentino
vice-diretor

Redação
via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano
telefone +390669899420
fax +390669883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE
L'OSSERVATORE ROMANO

Serviço fotográfico
telefone +390669884797
fax +390669884998
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 58,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +390669899480; fax +390669885164; e-mail: assinaturas@ossrom.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuario, televidens: 0800-160004, fax: 00531231042036, e-mail: ossrom@editoriasantuario.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A., System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@ilsole24ore.com

Agenda da Biblioteca do Vaticano para 2019

Línguas alfabetos e escrituras

JOSÉ TOLENTINO DE MENDONÇA

O tempo exige que cada ser vivo construa para si um percurso na trama dos percursos possíveis. Também em 2019 a agenda da Biblioteca Apostólica Vaticana oferece um espaço para registrar aquele percurso, ilustrando-o com os documentos que conserva, nos quais a memória das histórias individuais e coletivas se apresenta muito viva. Este ano dedicamos o leitmotiv a línguas, alfabetos e escrituras.

As numerosas teorias sobre o nascimento e o papel da linguagem que foram formuladas no decorrer dos séculos, começando pelos filósofos gregos, prosseguindo com Santo Agostinho e com os pensadores me-

dievais, até aos mais modernos G.B. Vico, J.G. Herder, F. de Saussure, L. Wittgenstein ou N. Chomski, mesmo sendo muito diferentes, têm em comum a consideração de que a linguagem é contudo inata nos homens, em todos os homens. Efetivamente, não existe comunidade humana, por mais pequena que seja, sem linguagem articulada, e neste sentido a linguagem pode ser definida um "antrópico universal".

Contrariamente, a escritura não pode ser considerada sempre "antrópico universal". Com efeito, muitos povos viveram, e vivem até agora, sem escritura. De qualquer maneira, em muitíssimos casos sem uma escritura própria. Com frequência, a escritura entra na vida de um povo



Um manuscrito chinês com transcrição em caracteres da Mongólia

porque é transmitida, às vezes imposta, por um povo próximo que já a possui. É emblemático o caso das escrituras alfabéticas, filhas de uma única antiga mãe, que se difundiram no continente euro-asiático e a partir dali na África.

Entre os fenômenos mais importantes que contribuem para demonstrar quanto a história de uma escritura possa ser diversa da difusão de uma língua, existe certamente a heterografia, que se verifica em determinadas circunstâncias históricas,

por motivos totalmente destacados da evolução linguística, quando uma língua que possui uma sua escritura própria ao contrário é escrita noutra escritura, de certo modo a ela contígua.

Muitas línguas, muitas escrituras e muitos fenômenos de heterografia são testemunhados pelos documentos conservados hoje na Biblioteca Apostólica Vaticana, onde são propostas as suas imagens significativas.

Como já é tradição, cada semana da Agenda é acompanhada também por uma brevíssima citação; em 2019 é proposto o início do Pai-Nosso, que se repete a partir da língua latina (*Pater noster, qui es in caelis, sanctificetur nomen tuum*) e deste modo noutras 52 línguas escolhidas entre as diversas centenas testemunhadas na nossa Biblioteca. A todos, os votos de que esta invocação contribua para difundir uma mensagem de paz capaz de iluminar, um por um, os nossos dias.

Dia mundial da alimentação

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 2

dilacerantes e pungentes agulhoadas da fome e da malnutrição.

4. Se, nos anos passados, as atividades da FAO e doutras instituições internacionais estiveram caracterizadas pela tensão entre os planos a curto e a longo prazo, podendo convergir, na mesma área, vários programas e intervenções, hoje sabemos que é igualmente essencial articular os níveis global e local na resposta ao desafio da fome. Neste sentido, a *Agenda 2030*, com os *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*, e a iniciativa *Fome Zero* exigem que as organizações internacionais, como a FAO, envolvam responsabilmente os Estados-membros a fim de empreenderem e levarem a cabo ações a nível local. Os indicadores globais são inúteis, se a realidade efetiva no terreno estiver longe desse compromisso. Por esta razão, é fundamental que as prioridades e medidas contidas nos grandes programas se enraizem e difundam por toda a parte, a fim de que não haja dissociações mas todos aceitem o desafio de combater a fome e a miséria de forma séria e compartilhada, com uma ade-

quada arquitetura institucional, social e econômica que leve a bom termo iniciativas capazes de oferecer soluções praticáveis, de modo que os pobres não continuem a sentir-se transcurados.

5. Temos, portanto, os instrumentos adequados e um quadro de referência para que as belas palavras e os bons propósitos se transformem num verdadeiro programa de ação que culmine, efetivamente, na erradicação da fome no nosso mundo. Para o tornar realidade, requer-se união de esforços, nobreza de coração e constante preocupação por assumir, com firmeza e determinação, o problema do outro. E todavia, à semelhança de outras problemáticas sérias que afetam a humanidade, muitas vezes embatemos em enormes obstáculos na solução dos problemas, com barreiras inelutáveis fruto de indecisões ou atrasos, com a falta de determinação dos responsáveis políticos, muitas vezes mergulhados apenas em interesses eleitorais ou insidiados por opiniões vesgas, perentórias ou mesquinhas. Falta realmente vontade política. É preciso querer de verdade acabar com a fome, mas isto não acontecerá se, em última instância e antes de tudo, não houver a convicção ética, comum a todos os povos e às diferentes visões religiosas, que coloca no centro de qualquer iniciativa o bem integral da pessoa e que consiste em fazer ao outro aquilo que gostaríamos que nos fosse feito a nós. Trata-se de uma ação fundada na solidariedade entre todas as nações e de medidas que traduzam o sentir da população.

6. Passar das palavras à ação na erradicação da fome não requer apenas decisões política e planos operacionais; é necessário também superar uma abordagem reativa, para passar a uma visão proativa. Um olhar superficial e passageiro pode, no melhor dos casos, suscitar reações pontuais. Esquecemos assim a dimensão estrutural que o drama da fome esconde: a desigualdade extrema, a má distribuição dos recursos do planeta, as consequências das mudanças climáticas ou os infundáveis e sangrentos conflitos que devastam muitas regiões, para mencionar apenas algumas das suas principais motivações.

Precisamos de desenvolver uma abordagem mais proativa e mais constante no tempo, precisamos de aumentar os fundos destinados à promoção da paz e do desenvolvimento dos povos. Precisamos de silenciar as armas e o seu pernicioso comércio, para escutar a voz daqueles que choram desesperados por se sentir abandonados à margem da vida e do progresso. Se queremos verdadeiramente que a população mundial adote esta perspectiva, é essencial que a sociedade civil organizada, os meios de comunicação e as instituições educacionais unam as suas forças na justa direção. Daqui até 2030, temos uma dúzia de anos para desenvolver uma ação vigorosa e consistente; não para nos deixarmos arrastar, aos solavancos, pelos títulos intermitentes e passageiros dos jornais, mas para enfrentar sem trêguas, de mãos dadas com a solidariedade, a justiça e a coerência, a fome e as causas que a provocam.

7. Estas são, Senhor Diretor Geral, algumas reflexões que desejo partilhar com aqueles que não se deixam vencer pela indiferença e escutam o grito de quantos não dispõem do mínimo para uma existência digna. Por sua parte, a Igreja Católica, no exercício da missão que lhe confiou o seu Fundador Divino, combate diariamente no mundo inteiro contra a fome e a malnutrição, de múltiplas formas e através das suas variadas estruturas e associações, lembrando que aqueles que sofrem a miséria não são diferentes de nós. Têm a mesma carne e sangue que nós. Por isso, merecem que uma mão amiga os socorra e ajude, de modo que ninguém seja deixado para trás e, no nosso mundo, a fraternidade tenha direito de cidadania e seja algo mais que um slogan sugestivo, sem consistência real.

Peço ao Todo-Poderoso que este percurso, visando abrir a estrada para ações concretas e eficazes em ordem a um futuro de convivência serena e construtiva, seja cumulado das suas bênçãos, para benefício nosso e das gerações vindouras.

Vaticano, 16 de outubro de 2018

FRANCISCUS

Prémio da Fao ao Brasil pela bioagricultura

A Organização das Nações Unidas para a alimentação e a agricultura (Fao) conferiu ao Brasil um prémio no âmbito de um concurso mundial sobre as políticas agroecológicas. A Política nacional de agroecologia e produção orgânica (Pnapo) foi indicada nos Future Policy Awards 2018 por ter «contribuído para o desenvolvimento sustentável através do melhoramento da qualidade de vida da população, graças ao fornecimento de alimentos saudáveis e ao uso sustentável dos recursos naturais». A Pnapo conta com investimentos de 364 milhões de euros e ajudou mais de 5.000 municípios a investir em produtos biológicos e agroecológicos pelo menos 30 por cento do orçamento destinado à alimentação escolar.

Carta do Papa ao cardeal Wuerl

Sinal de docilidade ao Espírito

Publicamos a seguir o texto da carta mediante a qual o Papa Francisco aceitou a renúncia ao governo pastoral da Arquidiocese de Washington, apresentada pelo cardeal Wuerl.



Ao Venerado Irmão
Card. DONALD WILLIAM WUERL
Arcebispo de Washington

No passado dia 21 de setembro recebi o teu pedido de aceitação da renúncia ao governo pastoral da Arquidiocese de Washington.

Estou ciente de que este pedido se fundamenta em dois pilares que marcaram e marcam o teu ministério pastoral: em tudo pro-

curar a maior glória de Deus e buscar o bem do povo que te foi confiado. O Pastor sabe que o bem e a unidade do Povo de Deus são dons preciosos, que o Senhor implorou e pelos quais ofereceu a vida. Ele pagou um preço elevadíssimo por esta unidade, e a nossa missão consiste em cuidar a fim de que o Povo não só permaneça unido, mas se torne testemunha do Evangelho: «A fim de que todos sejam um só, assim como Tu, Pai, estás em mim e Eu em ti, para que também eles estejam em Nós e o mundo creia que Tu me enviaste» (Jo 17, 21). Este é o horizonte a partir do qual somos continuamente convidados a discernir todas as nossas ações.

Reconheço no teu pedido o coração do Pastor que, ampliando o olhar para reconhecer um bem maior, que pode beneficiar a totalidade do corpo (cf. Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, 235), privilegia gestos que amparem, estimulem e façam crescer a unidade e a missão da Igreja, mais além de qualquer tipo de estéril divisão semeada pelo pai da mentira que, procurando ferir o Pastor, deseja unicamente que as ovelhas de dispersem (cf. Mt 26, 31).

Possuis elementos suficientes para “justificar” a tua ação e distinguir entre o que significa encobrir delitos ou não se ocupar dos

problemas, e cometer algum erro. Todavia, a tua nobreza levou-te a não recorrer a esta solução de defesa. Estou orgulhoso disto e agradeço-te.

Assim salientas a intenção de colocar em primeiro lugar o desígnio de Deus em relação a qualquer tipo de projeto pessoal, incluindo o que se poderia considerar como um bem para a Igreja. A tua renúncia é sinal de disponibilidade e docilidade ao Espírito, que continua a agir na sua Igreja.

Ao aceitar a tua renúncia, peço-te que permaneças como Administrador Apostólico da Arquidiocese até à nomeação do teu sucessor.

Amado Irmão, faço minhas as palavras do Eclesiástico: «Vós, que temeis o Senhor, tende confiança nele, a fim de que não se desvaneça a vossa recompensa» (2, 8). A Virgem Santa te ampare com o seu manto, e a força do Espírito Santo te conceda a graça de saber de que modo podes continuar a servi-lo neste novo tempo que o Senhor te oferece.

Vaticano, 12 de outubro de 2018

Francisco



Logótipo do encontro de Buenos Aires

Aos participantes no fórum inter-religioso G20 de Buenos Aires

Além das diferenças

Diante das hodiernas «situações difíceis que concernem não só muitos nossos irmãos indefesos e esquecidos, mas ameaçam o futuro da humanidade inteira» o Papa reafirma que os homens de fé não podem «permanecer indiferentes perante estas ameaças». Escreveu numa mensagem aos participantes no fórum inter-religioso G20, que decorreu em Buenos Aires nos dias 26 e 27 de setembro.

Saúdo com afeto os organizadores e os participantes no Fórum inter-religioso G20, que este ano se realiza em Buenos Aires. Estas conferências inter-religiosas, no quadro das reuniões da Cimeira do G20, aspiram a oferecer à comunidade internacional a contribuição das suas diversas tradições e experiências religiosas e filosóficas, para iluminar aquelas questões sociais que nos preocupam de modo especial hoje.

Nestes dias de intercâmbios e de reflexões, propondes-vos aprofundar o papel das religiões e o seu contributo específico para a construção de um consenso, para um desenvolvimento justo e sustentável que garanta um futuro digno a todos. Certamente, os desafios que o mundo deve enfrentar neste momento são numerosos e muito complexos. Atualmente, confrontamo-nos com situações difíceis que concernem não só os nossos muitos irmãos indefesos e esquecidos, mas ameaçam o futuro da humanidade inteira. E nós homens de fé não podemos permanecer indiferentes diante destas ameaças.

Pensando nas religiões, considero que, além das diferenças e dos pontos de vista diversos, uma primeira contribuição fundamental para o mundo de hoje é ser capazes de mostrar a fecundidade do diálogo construtivo para encontrar, juntos, as melhores soluções para os problemas que dizem respeito a todos.

Um diálogo que não significa renunciar à própria identidade (cf. Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, n. 251), mas estar dispostos a ir ao encontro do outro, a compreender as suas razões, a saber estabelecer relações humanas respeitadas,

com a convicção clara e firme de que ouvir quem pensa de maneira diferente é antes de tudo uma ocasião de enriquecimento recíproco e de crescimento na fraternidade.

Porque não é possível construir uma casa comum pondo de lado as pessoas que pensam de forma diferente ou aquilo que consideram importante e que pertence à sua identidade mais profunda. É necessário construir uma fraternidade que não seja de “laboratório” porque «o futuro encontra-se na convivência respeitosa das diversidades, não na homologação a um pensamento único, teoricamente neutral» (*Discurso ao Pontifício Conselho para o Diálogo inter-religioso*, 28 de novembro de 2013).

Diante de um mundo em que se afirma e se consolida um paradigma de desenvolvimento de tipo tecnocrático, com a sua lógica de domínio e de controlo da realidade a favor de interesses económicos e de lucro, penso que as religiões tenham um grande papel a desempenhar, sobretudo graças àquele “olhar” novo sobre o ser humano que vem da fé em Deus Criador do homem e do universo. Qualquer tentativa de buscar um autêntico desenvolvimento económico, social e tecnológico deve ter em conta a dignidade do ser humano; a importância de fitar cada pessoa nos olhos e não como mais um número de uma fria estatística. Move-nos a convicção de que «o homem é o protagonista, o centro e o fim de toda a vida económico-social» (Constituição apostólica *Gaudium et spes*, n. 63). Portanto, oferecemos um modo novo de olhar para os homens e para a realidade, já não com ansiedade manipuladora e dominante, mas no respeito da sua natureza e da sua vocação

na criação inteira, porque «todos nós, seres do universo estamos unidos por laços invisíveis e formamos uma espécie de família universal, uma comunhão sublime que nos impede a um respeito sagrado, amoroso e humilde» (Carta encíclica *Laudato si'*, n. 89).

Queridos amigos, desejo renovar mais uma vez, e diante desta assembleia tão qualificada, o meu apelo a proteger a nossa casa comum mediante a preocupação para com toda a família humana. Um convite urgente a um novo diálogo sobre como estamos a construir a nossa sociedade, na busca do desenvolvimento sustentável e convictos de que as coisas podem mudar.

Permiti que conclua recordando mais uma vez que somos todos necessários nesta tarefa e que podemos colaborar todos juntos como instrumentos de Deus para proteger e preservar a criação, contribuindo cada qual com a sua cultura e a sua experiência, os seus talentos e a sua fé.

E, por favor, peço-vos que rezeis por mim.

Vaticano, 6 de setembro de 2018

FRANCISCO

Sexta e sétima congregações gerais

Dar confiança aos jovens

Da escuta ao discernimento: foi o caminho empreendido pelos padres sinodais que desde a tarde de 9 de outubro estão a examinar a segunda parte do *Instrumentum laboris*: «Interpretar – Fé e discernimento vocacional». Como ajudar os jovens, no meio de mil vozes que os bombardeiam na sociedade contemporânea, a distinguir a voz de Deus que os chama para ser protagonistas da própria vida e da vida da Igreja? É preciso exercer a delicada e difícil arte do acompanhamento. É necessária, disse o cardeal Raï na meditação no início da sétima congregação geral, na manhã do dia 10, a «coragem de passar de uma pastoral “para os jovens” para uma pastoral “com os jovens”, dar-lhes confiança».

É o fio condutor dessa manhã foi exatamente a palavra “confiança”. O Pontífice, ocupado na audiência geral, não esteve presente. O cardeal secretário-geral Baldisseri guiou a oração matutina dos 256 padres presentes na sala. O presidente delegado de turno foi o cardeal Sako.

Antes dos pronunciamentos de 20 padres sinodais e de 8 auditores, o secretário-geral anunciou o êxito final da votação realizada na tarde anterior para eleger os membros da comissão para a redação do documento final: os cardeais Turkson, para a África; Aguiar Retes, para a América; e Gracias, para a Ásia; o arcebispo Forte, para a Europa; e o bispo Comensoli, para a Oceânia. O cardeal Baldisseri explicou que farão parte da comissão: ele mesmo, o relator-geral, os dois secretários especiais, e três membros de nomeação pontifícia: o arcebispo Shevchuk, e os sacerdotes Awi Mello e Gonzalo Redondo.

Durante os pronunciamentos os padres, chamados a indicar os melhores métodos para o acompanhamento dos jovens, disseram que estão cientes de que eles estão à procura de uma Igreja entusiasta, viva, com a chama do Espírito, questionando-se se deveras hoje ela possui estas características. Quem acompanha deve ter a consciência dos próprios limites – inclusive dos pecados que escandalizam e afastam as pessoas – para saber aceitar os limites dos jovens e para construir juntos uma nova primavera na vida da Igreja. Não serve ser simpáticos para conquistar os jovens, mas empáticos para os compreender e caminhar com eles.

Evidenciou-se a necessidade de apresentar propostas exigentes, ser audazes como os jovens o são e também generosos. Não se deve esquecer sobretudo que o centro é sempre o encontro pessoal com Cristo, em particular na Escritura e nos sacramentos. E neste caminho os jovens não são só o futuro mas o presente.

Também os jovens auditores intervieram pedindo confiança. Cientes de que têm necessidade da ajuda de mestres coerentes, que não tomem decisões no seu lugar, formularam votos por acompanhadores que não escandalizem a Igreja com o pecado, mas escandalizem o mundo com a santidade.

Precedentemente, na tarde do dia 9, realizou-se a sexta congregação na presença do Papa Francisco. Sob a presidência do cardeal delegado de turno Ribat, participaram 257 padres sinodais, com quinze intervenções programadas e oito livres, incluindo uma do Pontífice.

Antes dos pronunciamentos, o relator-geral enumerou alguns «núcleos geradores» identificados durante os trabalhos: a diversidade dos contextos culturais, o contributo até em termos teológicos de uma escuta empática dos jovens, vários aspetos das novas culturas juvenis, como as relações intergeracionais, o papel das emoções, o mundo digital, a via da beleza

e do desporto; mas também o fenómeno dos abusos em todas as suas declinações, o papel paradigmático dos jovens migrantes, os temas relativos ao corpo, à afetividade, à sexualidade, à experiência religiosa dos jovens na família, na liturgia e no silêncio. O cardeal Sérgio da Rocha explicou que nesta etapa do trabalho que acabou de se concluir foram coletados, além das intervenções dos padres sinodais nas primeiras congregações gerais e os 14 relatórios dos círculos, também 316 modos, de um mínimo de 6 a um máximo de 60 por círculo menor.

Seguiu-se o testemunho da jovem auditora eslovaca Viktória Žolnová, do Group leader and volunteer for youth. Proveniente da arquieparquia greco-católica de Prešov, ela ocupa-se de pastoral juvenil há mais de dez anos. Contou a própria experiência, passada através do trabalho numa pequena empresa, do aparecimento de uma certa insatisfação e da necessidade de procurar “novas oportunidades”. Depois, os estudos de inglês e do catecismo no estrangeiro, unidos ao acompanhamento espiritual de um sacerdote, alimentaram a percepção de que Deus a estava chamando para algo novo.

Sucessivamente, um padre sinodal evocou o problema do desamor pela confissão e formulou votos por uma correta pastoral que possa levar a uma consciência plena e fecunda da celebração do sacramento. Depois, foi apresentada a experiência vivida por um grupo da pastoral juvenil vocacional. Objetivo: a assunção de uma identidade adulta de criatura e filho de Deus.

Um padre sinodal falou sobre o desafio de fazer companhia aos jovens para os ajudar a formularem e a partilharem entre si as perguntas certas, importantes e fundamentais face a um mundo dividido, ao vazio interior e ao desejo de uma vida plena e feliz. A tal propósito, observou que o desafio atual, num momento em que a Igreja está em crise de credibilidade devido aos escândalos, abusos e divisões internas, se vive a tentação de construir uma Igreja que suprima a inquietação e queira viver de certezas claras e perceptíveis. O risco é desejar uma geração de jovens “duros e puros” que conheçam todas as respostas. Contudo, a Igreja é chamada a despertar os corações e não os músculos. Eis o convite a



refletir sobre a formação nos seminários e acerca da necessidade de ensinar o discernimento.

Nas intervenções livres recordou-se que, durante o tratamento do tema do acompanhamento específico para a maturidade do amor, foi feita uma referência ao catecumenado para o matrimónio. Reconheceu-se que nisto a Igreja e os pastores não estão à altura, constatando-se uma certa inconsciência e falta de responsabilidade. De resto, não se pode reduzir a ternura do amor para sempre a uma espécie de “clericalização” do matrimónio, a uma cerimónia mais ou menos formal que não considere a maturidade. Em síntese, é necessário um catecumenado, porque o amor é algo tão grande que não pode ser barateado.

Por fim, algumas intervenções propuseram uma série de iniciativas para que os jovens se apaixonem por Jesus e descubram nele a verdade existencial da própria vida. Primeira de todas, a oração e, em particular, a adoração eucarística. Seguida pelo entrar em contacto com Jesus tocando a carne da sua humanidade nas chagas físicas e espirituais de tantos dos seus coetâneos que sofrem. Em relação à oração, mencionou-se repetidamente a sua importância para os jovens e com os jovens, enquanto muitíssimos deles nunca viram os seus pais nem os familiares rezarem.

Oitava congregação

Com a lâmpada dos olhos

Os olhos são a lâmpada do discernimento vocacional. Com efeito, ao contrário das palavras e até dos gestos, não conseguem mentir. Foi evocada a lâmpada do corpo, da qual se fala no Evangelho de Mateus, durante a oitava congregação geral, realizada na tarde de quarta-feira 10, na presença do Papa Francisco. Os padres sinodais presentes eram 255, sob a presidência do cardeal Louis Raphaël I Sako. Foram treze as intervenções programadas e vinte e três as livres, nove das quais de jovens.

A referência aos olhos permitiu refletir sobre a situação atual das novas gerações. Com efeito, os seus olhos, se não estão fixados no espelho, são bombardeados pelos cliques. Dado que não há crescimento humano sem erguer os olhos», também não há maturação na fé sem fixar o olhar em Jesus, fazendo-se a pergunta que marcou o

caminho de conversão de São Paulo. Portanto, foi feito o convite a ouvir os jovens, através de um encontro de olhares, que requer não só a paciência de reconhecer que cada pessoa tem a sua plenitude do tempo, mas também a temperança de se envolver sem se deixar arrastar.

Um padre sinodal chamou a atenção para os deveres da família cristã, de facto a igreja doméstica permanece o berço quer da vida quer das vocações. Neste sentido, a família tem uma grande responsabilidade, pois os jovens dão nela os primeiros passos de uma vocação que a Igreja deverá aceitar com gratidão. Discernir a situação atual significa, disse um padre, distinguir a profundidade além da conjuntura, aquilo que fere os olhos e os corações, pois não é nor-

CONTINUA NA PÁGINA 6

Nona congregação geral

Intercâmbio entre as gerações

No dia da festa de São João XXIII, na manhã de quinta-feira 11 de outubro, na sala do Sínodo foi aplicada – recordou na homilia da hora terça o bispo auxiliar de Mendoza, D. Dante Gustavo Braidá – a indicação espiritual por ele sugerida na abertura do concílio Vaticano II de abrir as janelas para fazer entrar ar fresco, novo, e não deixar que as estruturas engaiolem o espírito «por sempre se ter feito assim», de dar uma ajuda a estes jovens que têm vontade de «revirar o mundo».

E assim durante os trabalhos da nona congregação geral, na presença do Papa e de 256 padres sinodais, não faltou o agradecimento aos jovens pois, precisamente com a sua insistência, recordam aos pastores que sejam mais coerentes na missão de anunciar e testemunhar Cristo. Sem dúvida também os pastores são chamados a recordar aos jovens, com ternura e não só com lindas palavras, que sejam por sua vez coerentes com a vida cristã. Com uma certeza: pode haver uma conversão e uma mudança de vida mesmo quando se é idoso.

Precisamente este intercâmbio vital entre gerações foi um dos fios condutores das vinte e cinco intervenções, às quais se juntou o de-

legado fraterno Tim Macquiban, diretor do Methodist ecumenical office: ele fez um veemente apelo a caminhar, rezar e trabalhar juntos apostando na santidade, fortalecendo o diálogo e colaborações comuns.

No respeitante à questão da escuta dos jovens, foi frisado que não se trata apenas de ouvir lamentações ou até insinuações contra a Igreja ou fazer averiguações, quanto, ao contrário, de consentir que os jovens sejam Igreja a sério. Em relação ao acompanhamento, um estilo pastoral sobre o qual se está a insistir muito no sínodo, é necessário avaliar bem como concretizar isto: longe de qualquer controlo, trata-se de uma relação de liberdade recíproca.

Também as questões que atingem duramente a vida dos jovens de hoje foram apresentadas com clareza, mesmo sendo muito diversas de uma região para outra. E assim, se há jovens a braços com guerras, migrações e discriminações – sobretudo em relação às jovens mulheres – mas também com analfabetismo e pobreza, outros encontram-se no vórtice do secularismo, entre desemprego e a cultura da perene imaturidade. Neste sentido, a secularização pode ser vista como um sinal que nos

liberta de automatismos e nos chama a ser cristãos porque o desejamos de veras, sem idealizar um passado que já não existe. Permanece o facto de que todos estes jovens, foi afirmado, estão «em dívida» de acompanhamento e também de comunidades abertas, jubilosas, acolhedoras.

Falou-se de catequeses adequadas, porque às vezes há a dúvida de que se compreenda de veras do que falam os pastores; de propostas que engajem seriamente a vida; da centralidade do exame de consciência e do sacramento da reconciliação; mas também da trágica vicissitude dos abusos sexuais e de muitos outros abusos espirituais impostos aos jovens. E os padres sinodais prometeram «ajudar mais», relançando a paixão apresentada e sintetizada por um bispo com um grito que suscitou o aplauso de auditoras e auditores: «Sinto-me orgulhoso dos meus jovens!».



Expressa durante a décima congregação

Proximidade aos cristãos perseguidos

Um dos principais motivos pelos quais os jovens se sentem vulneráveis é porque não receberam uma catequese suficiente. Com efeito, muitas vezes não dispõem dos instrumentos necessários sobre os temas da fé para se confrontarem com as pessoas com as quais se encontram. Foi uma das questões levantadas durante a reunião da assembleia do sínodo dos bispos que teve lugar na tarde de 11 de outubro. Participaram 257 padres sinodais, sob a presidência do cardeal Desiré Tsarahazana e na presença do Papa Francisco. Além de seis padres sinodais, entrevistaram seis auditores e seis delegados fraternos. Houve doze intervenções livres.

Antes de dar início aos trabalhos, o pontífice subiu ao setor onde se encontravam os jovens auditores e conversou com eles. Na ma-

nã do dia seguinte, o Papa dialogou com um jovem auditor brasileiro e, nessa ocasião, gravou uma breve mensagem vídeo dirigida a todo o Povo do Brasil, no dia em que se festejava Nossa Senhora Aparecida. «Que cada um de vocês – disse – a encontre no seu coração, assim como os pescadores a acharam no rio. Procurem nas águas dos seus corações e a encontrarão, porque é Mãe. Que Ela os acompanhe e rezem por mim!».

Na congregação que teve lugar na tarde de 11 de outubro, falou-se sobre a fragilidade que deriva da falta de um caminho catequético fundo, e que pode induzir os jovens a cair na cilada do fundamentalismo religioso. Esta condição pode levar alguns a orientar-se para uma radicalização mais profunda, que se manifesta de muitas formas. Ou seja, certos jo-

vens são vítimas de uma espécie de lavagem cerebral que atinge mais facilmente os desempregados e quantos têm pouco a perder.

Formar e acompanhar a juventude, recordou um padre sinodal, outrora era tarefa de toda a comunidade cristã local, mas hoje cabe à paroquia. Ela deveria ter em consideração os próprios filhos como o tesouro mais precioso a guiar, proteger e amparar no seu amadu-

CONTINUA NA PÁGINA 11

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 5

mal que ainda hoje existe a fome em grande parte da humanidade. Impõe-se, portanto, um grande esforço para forjar um mundo humano, face a um individualismo exacerbado e prepotente que aconselha a pensar só em si mesmos.

O discernimento abre o tema da vocação cristã, na qual há uma dimensão pessoal insubstituível. Com efeito, as vocações não nascem simplesmente da observação e das análises sociológicas pastorais, nem como oferta generosa de mão-de-obra para ocupar os postos vacantes na Igreja. Existe um diálogo entre o Senhor que chama e o convidado que responde. A vocação toca o coração do homem, não muda apenas as condições externas. Cada pessoa imprime uma marca singular à vocação que partilha com os demais. Surgiu então o convite ao insubstituível trabalho da iniciação cristã, mesmo se

com diferentes modalidades, para fazer face à crise vocacional.

De crise falou também outro padre sinodal, referindo-se à sociedade atual na qual a fé é uma opção entre muitas. Por isso é preciso considerar seriamente a questão da liberdade. Os jovens têm sensibilidades extremas para muitos temas como a paz, a ecologia, a abertura ao outro. Eis, então, o convite a recuperar as especificidades da idade da vida, com a sua peculiaridade, procurando unir. Só neste sentido se pode indicar um itinerário educativo e de crescimento. Neste contexto, as obras de misericórdia corporais oferecem uma indicação projetual universal. Ou seja, serve educar os jovens no amor aos pobres, dar confiança aos jovens, não homogeneizados, pensando que é muito difícil, ou seja, não centros de ajuda, mas lugares onde se tornam santos.

Com a lâmpada dos olhos

São necessárias atenção e flexibilidade sem assumir uma posição rígida ou dogmática. Com efeito, foi dado o exemplo de um padre sinodal que começou a jogar à bola não porque conhecia as regras, mas porque via como era divertido. As regras aprendem-se jogando; o importante é que o árbitro saiba fazê-las respeitar e amar, para jogar a partida mais bela do mundo, que é seguir Jesus.

O seguimento de Cristo não é o único objetivo do acompanhamento, mas é tornar os jovens livres, sobretudo aqueles que pertencem às categorias mais excluídas da sociedade. A referência é às situações dramáticas nas quais muitos jovens se encontram por causa da mentalidade e dos preconceitos difíceis de superar. A propósito, foi contado que a Igreja, sendo comunidade, deva ter co-

mo guia um padre e não um organizador.

Na assembleia foi observado que são poucos os acompanhadores e muitos jovens que procuram, mas têm dificuldade de encontrar um padre espiritual que reconheça ser um pecador perdoado. A experiência da misericórdia é fundamental. E as feridas curadas são mais importantes que as competências.

Um padre sinodal pediu para fazer um apelo a favor dos jovens perseguidos, em particular na região do Médio Oriente. Não é necessário apenas dinheiro, mas sobretudo, proximidade espiritual, moral e humana. Se não há este apoio, foi o grito de alarme, a pouco e pouco os cristãos desaparecerão do Médio Oriente. Por fim, foi ouvida com entusiasmo a proposta de uma peregrinação juntamente com os jovens e padres sinodais ao Túmulo de Pedro.

Fé e discernimento vocacional

Síntese do círculo lusitano sobre a segunda parte do *Instrumentum laboris*

SÍNODO

O círculo, a partir das instruções recebidas, identificou os seguintes núcleos generativos:

– A bênção da juventude: Expressão feliz, interessante e rica, mas que necessita ser melhor explicitada. É necessária também uma melhor fundamentação da dimensão bíblica nesta II parte, já que muitos jovens não entendem quando se fala dos personagens bíblicos. Falta uma história narrativa de fundo nesse capítulo, como seria por exemplo a dos discípulos de Emaús: estes reinterpretam a própria vida à luz do Cristo pascal. Ao reconhecer os elementos de bênção da juventude, não podemos esquecer o lado frágil da sua existência, que pode se tornar oportunidade e lugar teológico.

– A dimensão humana, antropológica: Há no coração de cada jovem uma aspiração pela felicidade, o desejo de ser considerado, valorizado e amado. Num contexto de incerteza, precariedade e insegurança, necessitam da proximidade de uma Igreja que se faz presente em suas vidas sobretudo a partir de outros jovens que, a partir de sua experiência de fé, podem aquecer os corações frios e indiferentes com a própria disponibilidade a acolher, caminhar juntos e dar razões de sua esperança.

– A mudança de época nos desafia a repensar a fé e o modo de vivê-la no mundo de hoje. Há uma mudança da forma como os jovens vêem a realidade, como interpretam a vida, quais são as suas perspectivas de futuro e de realização pessoal. Tal época de transição, em toda a sua complexidade, precisa ser vista como uma oportunidade. A pessoa de Jesus Cristo pode ser chave de resposta para os desafios e sinal de esperança para os jovens em dificuldade de encontrar um sentido para a própria vida.

– O fenômeno da imigração: Fala-se muito sobre a imigração juvenil africana para outros continentes, não obstante ela aconteça principalmente dentro do próprio continente. Nesse contexto de fragilidade, os jovens imigrantes sofrem pelo choque cultural e são muitas vezes aliciados por muitos grupos, religiosos ou não. Como acompanhar estes jovens, valorizar suas potencialidades e promover a sua integração e evangelização?

– A linguagem juvenil: Privilegiar, no diálogo com os jovens, a linguagem existencial, de proximidade, relacional, de amor gratuito, desinteressado, que lhes toca o coração, chega à vida, desperta esperança e o desejo de bem. É preciso aproximar-se dos jovens com a gramática do amor. A linguagem que os jovens entendem é a de quem dá a vida, de quem está ali por eles e para eles, daqueles que, apesar de seus limites e fraquezas, buscam viver com coerência a própria fé.

– No que diz respeito à fé e sua transmissão (n. 82), na sua relação também com a dimensão vocacional, constatamos que a crise das vocações começa em uma crise de fé. Muitas vezes a fé hoje é transmitida também por vias não tradicionais, acontecendo até mesmo os casos de pais que despertam para a fé pelo testemunho dos filhos e de muitos jovens através de outros jovens. Não podemos reduzir a fé a uma moral. A proposta cristã precisa ser encarnada em experiências concretas. Faz-se necessário retornar à proposta de Jesus: “Vinde e vede”!, proporcionando às pessoas um contato com comunidades onde se vive com alegria a vida cristã. As transformações de vida ocorrem no caminhar juntos, no peregrinar, na descoberta do diferencial cristão na vida daqueles que seguem a Jesus, mesmo em meio aos próprios limites e fraquezas.

– Afetividade e sexualidade: falou-se sobre as diferenças entre o ensinamento da Igreja e aquilo que é prática entre os jovens. Muitos ignoram, outros questionam, outros são in-

fluenciados por ideologia ou por informações científicas em campos onde nem sempre há um consenso. Partindo de princípios básicos do ensinamento cristão (como o valor da vida humana e a dignidade do corpo), é possível abrir estradas de diálogo com os não-crentes. É bela e rica a doutrina da Igreja nesse campo. Faz-se necessário apresentá-la com clareza, acreditando na força de atração nela contida e superando a visão daqueles que a vêem somente como algo rígido.

– Maturidade e santidade: *Gaudete et exsultate* é um texto tocante, que desmistifica muitos aspectos da compreensão da santidade, apresentando-a como um chamado para todos. É preciso fazer com que o conteúdo desse documento chegue às bases, aos jovens. O primeiro na ordem da intencionalidade é o fim. O ideal do jovem maduro é a santidade. A descoberta de Cristo faz com que se desenvolva plenamente a potencialidade do jovem. O jovem que busca a maturidade, que tem como meta a santidade, precisa elaborar e construir um projeto de vida. Ele precisa de ser ajudado a olhar o seu passado, pensar no seu futuro (onde quer chegar), para que possa fazer as suas escolhas no presente.



Samuel e Eli (vitrail da catedral de Oxford, 1872)

– Discernimento: Constatou-se a dificuldade de se entender o que é e como realizar o discernimento, devido à pluralidade de acepções do termo (n. 108), dada a realidade complexa em que vivemos. Por isso parece-nos positiva a acentuação do discernimento como uma realidade dinâmica, um estilo de vida (n. 111), que acompanha todas as fases da vida. Contudo, é na fase da juventude que ele é mais premente, porque é nesta fase que se realizam algumas opções fundamentais. Sublinhou-se no processo de discernimento alguns elementos fundamentais, tais como o conhecimento da realidade, a oração, a iluminação pela Palavra de Deus, o acompanhador e a decisão, que comporta uma dimensão de aventura, iluminada pela fé, por vezes acompanhada pelo medo, mas confirmada pelos frutos que gera. Nesse contexto, destacou-se a importância do exercício da liberdade e do seguimento da voz da consciência. Não deve faltar a perspectiva bíblica, colocando Jesus ao centro do processo, em uma perspectiva de discipulado. Não ficar só na dimensão psicológica. É um processo que se desenvolve a partir de um encontro com Deus e dos sinais que Deus vai colocando na vida das pessoas, com momentos de escuridão e luz, sustentados pela fé. Questionamo-nos ainda sobre o que fazemos como Igreja em relação ao discernimento na vida das pessoas que não têm fé.

– Vocação: Levantou-se a pergunta sobre como se entende realmente o termo vocação. Consta-se que, muitas vezes, é uma palavra pouco simpática aos jovens e entendida de forma reduziva. A vocação é um dom e uma graça para o povo de Deus, não é em primeiro lugar para proveito próprio. Sublinhou-se também que o primeiro chamamento é à santidade, a exemplo de Jesus, que passou pelo mundo fazendo o bem. Neste caminho, o jovem encontra também a sua vocação específica. A vocação, porém, é dinâmica, pois comporta escolhas ao longo de toda a vida. Comentou-se ainda que o Sínodo precisaria fazer uma reflexão sobre a vocação daqueles que permanecem solteiros sem nenhuma referência a uma consagração em particular e ao matrimônio (n. 105). É o caso também da realidade das pessoas com orientação homossexual. Não é missão da Igreja dar resposta a todas as realidades particulares, mas é sua obrigação cuidar, acompanhar, ajudar o jovem a dar orientação e sentido para a sua própria vida, ajudando a fazer o bem.

– Acompanhamento: Como diz o *Instrumentum Laboris*, o acompanhamento é uma “arte”, ou seja, por um lado nem todos têm o dom natural de o fazer e, por outro, é uma capacidade que pode ser desenvolvida. A arte de acompanhar não se improvisa. Daí a importância de promover a formação de acompanhadores como uma prioridade. Constatamos, porém, a falta de acompanhadores e a necessidade de preparar pessoas para o domínio desta arte, até mesmo entre o clero. Consideramos importante que também os leigos possam assumir o serviço de acompanhamento. Nesse contexto, também se falou da importância do acompanhamento de jovens pelos próprios jovens, que, por sua vez, deveriam ter uma boa experiência de ser acompanhados. O n. 115 oferece elementos valiosos sobre os bons instrumentos para o acompanhamento. Sugerimos que se inclua a importância do acompanhamento da comunidade cristã e sublinhamos algumas qualidades indispensáveis, entre as quais uma profunda experiência de vida espiritual e a bondade. O n. 132 traz uma síntese muito completa sobre as características do acompanhador, formulada pelos próprios jovens na reunião pré-sinodal, que deve ser considerado. Acentuou-se também a necessidade de uma experiência de vulnerabilidade para compreender bem o acompanhado, recordando a escolha de Pedro por Jesus, para «confirmar» os seus «irmãos» (cf. Lc 22,32). Alguns movimentos eclesiais têm propostas de acompanhamento, mas é também necessário que os jovens as possam encontrar nas estruturas de pastoral juvenil diocesana e paroquial. Há um grande número de consagrados(as) que poderiam prestar este serviço de acompanhamento. Em muitos lugares constata-se que os jovens têm dificuldades de frequentar o sacramento da reconciliação e que isso se deve, em parte, ao modo como é apresentado e celebrado. Na formação dos seminaristas sublinhou-se a necessidade de ajudar a superar a tendência ao clericalismo e ao mundanismo espiritual, educando para a humildade e para o serviço. Ajudaria muito a presença de leigos, casais e não só de clérigos, nas estruturas de formação. Sugeriu-se proporcionar aos seminaristas a experiência pastoral de acompanhamento de jovens. No processo de acompanhamento é conveniente ter em conta também a dimensão da correção fraterna, referida no n. 133. Considerou-se ainda que a expressão “direção espiritual” não é a mais adequada, pois se trata de um serviço de acompanhamento espiritual. Em tudo isso há necessidade de conversão institucional e pastoral, que se espera e deseja que aconteça na sequência deste Sínodo.

O prefeito da Congregação para as causas dos santos apresenta as figuras dos novos canonizados

Por amor à Igreja

O «grande amor» de Paulo VI foi a Igreja: «Fazia tudo pela Igreja, sofria pela Igreja e até no momento da morte se ofereceu pela Igreja». Recordou o cardeal Angelo Becciu repropoendo as características salientes da personalidade de Giovanni Battista Montini – pelo Papa proclamado santo a 14 de outubro – durante o encontro com os jornalistas realizado na tarde de quinta-feira 11, na Sala de imprensa da Santa Sé. Com o prefeito da Congregação para as causas dos santos, que apresentou também as figuras dos outros beatos canonizados por Francisco, interveio o cardeal Gregorio Rosa Chávez, auxiliar de San Salvador, amigo e es-



Paulo VI e Dom Romero

treito colaborador do arcebispo Óscar Amulfo Romero, do qual esboçou um retrato completo partindo de testemunhos, escritos e curiosidades biográficas.

Ao sugerir algumas chaves de leitura daquele que definiu «o Papa da nossa juventude», o cardeal Becciu realçou antes de tudo a importância da oração na espiritualidade de Montini. «Foi – disse – um contemplativo, um autêntico místico, mesmo sem fenómenos extraordinários. A oração foi a fonte da sua extraordinária fecundidade na ação pastoral, no pensamento e no ensinamento». E a Eucaristia, recordou, «esteve sempre no centro da sua vida, seguida imediatamente pelo rosário diário»: aquela mesma prática, observou, à qual «hoje nos chama o Papa Francisco para renovar uma antiga tradição da Igreja».

Um segundo aspeto indicado pelo purpurado foi a humildade. «Era suficiente olhar para ele: Paulo VI era um homem humilde, não uma humildade artificiosa mas expressiva de uma profunda atitude interior» evidenciou o cardeal recordando alguns gestos significativos da «sua missão de vigário de Cristo vivida como *servus servorum Dei*» e realçando que «fazia parte do seu sentido de humildade ajoelhar-se espontaneamente diante de Deus e dos homens».

Quanto à caridade, o prefeito evidenciou que ela «nascia no seu coração de uma predisposição permanente da alma e por isso lhe era conatural». E sobre a dimensão do sofrimento prolongou-se de modo particular, esclarecendo as vicissitudes históricas dos anos da sua juventude, marcados por totalitarismos de sinal oposto, e depois aqueles do pontificado, atravessados pelas turbulências de Sessenta e oito e pelas contestações abertas – «de esquerda e de direita» – em relação à Igreja. A ponto de levar o cardeal argentino Eduardo Francisco Pironio a declarar: «Penso que é o Papa que mais sofreu no século XX: eu fui testemunha direta dos seus sofrimentos espirituais e morais». Contudo, realçou o purpurado, «a consciência do mal, do pecado, dos sofrimentos que o circundavam condicionavam a expressão externa do homem, mas não afetavam a serenidade interior do seu espírito».

O prefeito referiu-se em seguida à sua capacidade de «dialogar com todos» e à riqueza das suas encíclicas: da *Ecclesiam suam* à *Humanae vitae*, com a qual «ele estava ciente de que se tornaria impopular; contudo decidiu responder à sua consciência fazendo-a prevalecer sobre a busca do aplauso, pois para ele Deus e a Igreja estavam no primeiro lugar». Por fim, o cardeal mencionou as reformas empreendidas pelo Pontífice «por amor à Igreja», evidenciando as suas raízes profundas no concílio Vaticano II, que ele teve o mérito de concretizar «com sabedoria». Com efeito, da «nova visão da Igreja» como «mistério, povo de Deus e comunhão» tiveram origem as «grandes reformas» montinianas: reformas que, esclareceu o purpurado, ainda hoje não estão desnaturalizadas e são válidas não obstante os tempos tenham mudado.

Ao concluir, o cardeal Becciu descreveu o testemunho de Montini como «uma luz que não obstante as oscilações da história se acendeu e nunca mais se apagará». E, garantiu, «será para mim uma alegria vê-lo proclamado santo, assim como o será para o Papa Francisco, o qual, desde o início do pontificado me confidenciou que rezava e esperava poder canonizá-lo».

Intervalada pela projecção de algumas cenas comovedoras tiradas de um documentário realizado por uma televisão suíça e até agora difundido apenas na versão alemã, o testemunho oferecido em seguida pelo cardeal Rosa Chávez abriu-se com a apresentação dos eventos organizados em Roma por ocasião da canonização do Romero: entre eles, a vigília da noite, na igreja de Santa Maria «in Campitelli», o rosário da Divina Misericórdia recitado na tarde de domingo na Igreja de Santo Espírito «in Sassia» e a audiência com o Papa – precedida da missa de ação de graças – na segunda-feira na Sala Paulo VI. Na sua intervenção o purpurado falou do prelado salvadoreño como «o santo de quatro Papas»: Paulo VI, que em 1970 o nomeou auxiliar de San Salvador, em 1974 bispo de Santiago de María e em 1977 arcebispo da capital, e que Romero considerou sempre como «seu guia e mestre» (a propósito o cardeal referiu-se ao livro organizado por Leonardo Sapienza *Paolo VI e Mons. Romero* que reúne textos e documentos até inéditos sobre o seu relacionamento); João Paulo II, que durante a sua visita a El Salvador em 1983, não obstante fortes oposições e contrastes, quis rezar diante do seu túmulo; Bento XVI, que o definiu «uma grande testemunha da fé»; e Francisco que, quando era cardeal, confidenciara a um sacerdote que considerava Romero «um santo e um mártir».

Em relação à canonização – que viu uma grande participação de fiéis provenientes de El Salvador – o purpurado falou de um «tsunami» destinado a ter ecos em todo o mundo, tal como a sua beatificação em 2015 foi um «terramoto» sobretudo para o país centro-americano, que inclusive hoje tem as marcas de «feridas que ainda não estão curadas». Atualmente, concluiu, «a nossa tarefa é seguir e imitar o seu exemplo».

Um cristão que se tornou Papa

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 8

proclama santos João XXIII e João Paulo II numa única cerimónia, permanecendo portanto no sulco do equilíbrio já experimentado em 2000, e mais tarde no mesmo ano declara beato Montini. Com a canonização de Paulo VI, pela primeira vez, um cristão que se tornou Papa é proclamado santo juntamente com outras figuras exemplares. «Para ser santos não é necessário ser bispos, sacerdotes, religiosos ou religiosos» sublinhou Francisco na exortação apostólica *Gaudete et exsultate* descrevendo os traços de uma santidade comum, agora reconhecida e celebrada também oficialmente em Montini. «A santidade deve ser a vocação de todos» tinha escrito, por sua vez, Paulo VI num texto privado de 1974 evocando São Paulo, o concílio Vaticano II e São Tomás.

Montini e a santidade é o tema que une dois estudos meus (ambos remontam a 1998 e aqui reeditados, com algumas alterações, mas sem atualizações bibliográficas, substan-

cialmente irrelevantes para a perspectiva aqui assumida) onde se analisam os santos de Paulo VI e os escritos que Montini dedica aos santos e à santidade desde os anos juvenis. Na convicção de que a sua relação com a dimensão da santidade não só ilumina a sua figura, mas é indispensável também para a compreender sob o ponto de vista histórico.

No pano de fundo estão dois polos: a modernidade e a tradição, como confiança em 1950 o prelado no seu primeiro encontro com Jean Guittton. «É preciso saber ser antigo e moderno, falar segundo a tradição mas também em conformidade com a nossa sensibilidade. Para que serve dizer o que é verdadeiro, se os homens do nosso tempo não nos compreendem?», diz ao filósofo amigo que em 1967 publicará os *Dialogues avec Paul VI*, modelo insuperável de um novo tipo literário papal.

Portanto, por um lado, o tormento do homem moderno. «Tudo o predispos para ser um intelectual, capaz de se imergir na realidade contemporânea» observou Nello Vian

(meu pai, a cuja memória é dedicado este pequeno livro). Por outro, um elemento radical da fé cristã, ou seja, a comunhão dos santos que liga numa relação misteriosa, mas real, os mortos e os vivos.

Entre estes dois polos, são numerosos os temas relevantes que aparecem nestas páginas para a reconstrução da figura de Montini. Em primeiro lugar, as suas harmonias hagiográficas. Como a sóbria piedade mariana que tem o cuidado de nunca separar «Nossa Senhora de Cristo». Ou o interesse e a predileção por São Paulo, sobre o qual de 1929 a 1933 comenta o epistolário inteiro e ao qual dedica uma série de sete artigos. E inclusive um inédito escrito como pró-secretário de estado sobre Charles de Foucauld, o «irmão universal» e uma oração, alguns anos mais tarde, diante do túmulo do santo de Assis. «É possível, Francisco, gerir os bens deste mundo sem ficar preso e vítima deles? É possível conciliar o nosso anseio de vida económica, sem perder a vida do espírito e o amor? É possível uma qual-

quer amizade entre senhora economia e senhora pobreza?», questiona-se o arcebispo de Milão nos anos do tumultuoso milagre económico italiano.

Eleito Papa, Montini interveio também neste âmbito. Proclama São Bento padroeiro principal da Europa e, pela primeira vez, declara duas mulheres doutoras da Igreja com uma decisão revolucionária. Ao contrário, é menos conhecido o bloqueio, para evitar instrumentalizações políticas, das causas dos mártires da guerra de Espanha quando o franquismo já tinha iniciado a sua parábola descendente. Até chegar à relação importante e complexa com Pacelli e Roncalli. Por parte de um homem que os tinha conhecido de perto (respetivamente em 1930 e em 1925) e os volta a considerar com perspicácia, mas que, eleito como seu sucessor em 1963, escolheu não se chamar Pio nem João mas Paulo, como o apóstolo ligado inseparavelmente às origens e ao porvir da fé cristã.

«A recordação de São Óscar Romero constitui uma extraordinária oportunidade para lançar uma mensagem de paz e de reconciliação a todos os povos da América Latina», ressaltou o Papa Francisco recebendo na sala Paulo VI, na manhã de 15 de outubro, os peregrinos provenientes de El Salvador, no dia seguinte à canonização do arcebispo mártir.

Estimados irmãos e irmãs!

Bom dia e obrigado por estardes aqui. A canonização de D. Óscar Romero, um insigne Pastor do Continente americano, permite-me ter um encontro com todos vós, que viestes a Roma para o venerar e, ao mesmo tempo, para manifestar a vossa adesão e proximidade ao Sucessor de Pedro. Muito obrigado!

Saúdo em primeiro lugar os meus irmãos no Episcopado, os Bispos de El Salvador, vindos a Roma acompanhados pelos seus sacerdotes e fiéis e por tantas religiosas, não é? São Óscar Romero soube encarnar perfeitamente a imagem do bom Pastor que dá a vida pelas suas ovelhas. Por isso agora, e ainda mais depois da canonização, podeis encontrar nele um «exemplo e um estímulo» no ministério que vos foi confiado. *Exemplo* de predileção pelos mais necessitados da misericórdia de Deus. *Estímulo* para dar testemunho do amor de Cristo e da solicitude pela Igreja, sabendo coordenar a ação de cada um dos seus membros e colaborando com as outras Igrejas particulares, com zeloso afeto colegial. Que o Santo Bispo Romero vos ajude a ser para todos, sinais desta unidade na pluralidade que caracteriza o Santo Povo fiel de Deus.

Saúdo também com especial carinho os numerosos presbíteros, religiosos e religiosas aqui presentes e



Aos peregrinos de El Salvador o Pontífice repropôs o testemunho de Romero

Oportunidade de reconciliação

quantos ficaram na pátria. Vós, que vos sentis chamados a viver um compromisso cristão inspirado no estilo do novo Santo, sede dignos dos seus ensinamentos, tornando-vos antes de tudo «servidores do povo sacerdotal», na vocação para a qual Jesus, único e eterno Sacerdote, vos chamou. São Óscar Romero via o sacerdote inserido no meio de dois grandes abismos: a misericórdia infinita de Deus e a miséria infinita dos homens (cf. *Homília durante a Ordenação sacerdotal*, 10 de dezembro de 1977).

Amados irmãos, trabalhai sem tré-gua para veicular este anseio infinito de Deus de perdoar os homens que se arrependem da sua miséria, e para abrir o coração dos vossos irmãos à ternura do amor de Deus, também através da denúncia profética dos males do mundo.

Desejo dirigir uma cordial saudação inclusive aos numerosos peregrinos vindos a Roma para participar

nesta canonização, e também aos membros da comunidade salvadoreña de Roma. A mensagem de São Óscar Romero dirige-se a todos, sem exceções, grandes e pequenos, a todos. Fiquei impressionado com a entrada de uma avó de 90 anos que gritava e aplaudia como se tivesse 15. A força da fé é a força do povo de Deus. Ele, Óscar Romero, repetia vigorosamente que cada católico deve ser um mártir, porque mártir quer dizer testemunha, ou seja, testemunha da mensagem de Deus para os homens (cf. *Homília no 1º Domingo de Advento*, 27 de novembro de 1977). Deus que tornar-se presente na nossa vida e chama-nos para anunciar a sua mensagem de liberdade à humanidade inteira. Somente nele podemos ser livres: livres do pecado, do mal, do ódio nos nossos corações — ele foi vítima do ódio — totalmente livres para amar e para acolher o Senhor e os irmãos. Uma verdadeira liberdade já na terra, que passa atra-

vés da preocupação pelo homem concreto, em vista de despertar em cada coração a esperança da salvação.

Sabemos bem que isto não é fácil, e por isso precisamos do auxílio da oração. Temos necessidade de estar unidos a Deus, e em comunhão com a Igreja. São Óscar diz-nos que isto não é possível sem Deus e sem o ministério da Igreja. Numa ocasião, ele referiu-se à confirmação como ao «Sacramento de mártires» (*Homília*, 5 de dezembro de 1977). Com efeito, sem «esta força do Espírito Santo, que os primeiros cristãos receberam dos seus Bispos, do Papa... não teriam suportado a provação da perseguição, não teriam morrido por Cristo» (*Ibidem*).

Recordemos na nossa oração estas palavras proféticas, pedindo a Deus a sua força na luta de todos os dias, a fim de que, se for necessário, «es-

CONTINUA NA PÁGINA 15

Décima congregação geral

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 6

recimento. Além da comunidade, neste contexto foi ressaltado o papel fundamental da família. Ela é a primeira escola onde os jovens recebem sobretudo a educação para a vida e para a vida cristã. Com efeito, a família pode contribuir eficazmente para o acompanhamento dos jovens no discernimento da vocação para a vida religiosa ou familiar. Depois, um padre sinodal realçou como deve ser superada a impressão de que a Igreja, quando se trata de poder, é uma Igreja de homens. Caso contrário, sobretudo as jovens, acrescento, não terão a possibilidade de fazer ouvir a própria voz.

Após as intervenções programadas dos padres sinodais, foi a vez de seis auditores, sendo o primeiro Safa Al Abbia, da Igreja caldeia, o qual recordou os numerosos mártires que derramaram o sangue no Iraque. Foram 1.224, metade dos quais jovens, os cristãos assassinados nos últimos anos. É suficiente pensar no atentado ocorrido na igreja de Our Lady of Salvation, em Bagdad, durante a

missa dominical de 31 de outubro de 2010, no qual morreram 58 fiéis e 2 sacerdotes. Ou então, no assassinio do padre Ragheed e do Bispo Faraj Paulus Rahho, assim como nas numerosas bombas lançadas contra as igrejas. Safa disse que foi quase testemunha de um destes atentados, que se verificou na igreja por ele frequentada, onde um carro-bomba provocou mortos e feridos. Em seguida, recordou que durante a ofensiva em Mosul e na Planície de Nínive, numa única noite mais de 120.000 cristãos foram expulsos das próprias casas. Assim entre os jovens, explicou Safa, difundiu-se o medo do futuro. Isto influenciou a sua atitude em relação à educação, ao estudo e ao casamento. Um dos principais temores, revelou, é ver o Iraque sem cristãos. A causa é a emigração maciça, que levou o número de cristãos, dos quase 1.500.000 em 2003 para 400.000 nos últimos anos. Por isso, convidou a rezar pelo Iraque e pelos seus fiéis, com uma intenção especial a favor dos jovens, inclusive de outras na-

ções onde o Cristianismo é minoritário.

Yadira Vieyra, pesquisadora e assistente das famílias que emigraram para os Estados Unidos da América, disse que é necessária uma Igreja que ajude os jovens e as respetivas famílias a desenvolver respostas adequadas às adversidades, transmitindo a verdade segundo a qual Cristo está do lado dos oprimidos e desafia os opressores. O samoano Joseph Sapati Moeono-Kolio, membro de Caritas Internationalis para a Oceânia, recordou que durante séculos os seus antepassados atravessaram os oceanos. Os anciãos sabiam ler as estrelas e as correntes, guiando na direção certa, mas para mover as canoas eram necessárias pessoas jovens. Durante a navegação, explicou, os anciãos devem ser sensíveis em relação aos jovens, os quais devem ter confiança nos anciãos para remar em águas seguras. Ambas as gerações compreendiam a importância deste relacionamento de confiança recíproca, porque se encontravam na mesma canoa. Também hoje é preciso recuperar esta relação de

confidência para seguir juntos a luz de Cristo.

Henriette Camara, membro dos escoteiros católicos da Guiné, referiu-se à situação dos jovens que vivem em contextos familiares difíceis, ou que se converteram de outras religiões. Por isso, apresentou a proposta de formar um grupo de reflexão para acompanhar aqueles que são perseguidos unicamente porque querem seguir Cristo mais de perto, como na vida consagrada. Outra proposta consiste em organizar um simpósio de jovens pertencentes a todos os movimentos, para levar a tocha de Cristo e da paz pelo mundo.

Aos padres sinodais foi oferecido um texto intitulado: *Jovens missionários, testemunhas de Cristo até dar a vida!* preparado pela Agência Fides. Trata-se de um relatório sobre os jovens sacerdotes, religiosos, seminaristas e leigos assassinados de 2000 a 2017. O documento foi apresentado pelo cardeal Fernando Filoni, prefeito da Congregação para a evangelização dos povos.

O Papa em diálogo com jovens franceses

A fé não é uma ideia mas um encontro

Publicamos a transcrição do diálogo entre o Papa e o grupo de jovens da diocese de Grenoble-Vienne, recebidos na manhã de segunda-feira, 17 de setembro, na Sala dos Papas. No início do encontro, Marion explicou o significado da palavra “Efatá” que as moças e os rapazes tinham impressa nas t-shirts. Apresentamos a seguir, a síntese das perguntas dirigidas ao Pontífice e as respostas completas do Papa.

Mathieu, 16 anos, evocou as críticas dos seus amigos, no liceu, sobre acontecimentos de atualidade como a homossexualidade ou a pedofilia na Igreja; e Rémy, de 14 anos, perguntou como transmitir a mensagem cristã aos coetâneos que não creem.

Eu não posso responder em francês... *Ce n'est pas facile pour moi...* a esta tua pergunta: «como transmitir a mensagem da Igreja?». Vou dizer uma palavra, uma palavra que é o segredo para transmitir a mensagem da Igreja: *proximidade, vizinhança*. Mas que significa isto? Significa antes de tudo fazer o que Deus fez com o seu povo. No Livro do Deuterónimo, Deus diz assim ao povo: «Qual é o povo que tem os seus deuses tão próximos, como tu [tens o Senhor próximo]?». Deus fez-se próximo do seu povo. Mas a história não acabou ali. Queria estar tão próximo que se fez um de nós, homem. Esta proximidade cristã é o primeiro passo: aliás, é “o ambiente”, o clima no qual se deve transmitir a mensagem cristã. A mensagem cristã é uma mensagem de proximidade.

Depois, sobre *efatá*: antes de falar, ouvir. O apostolado “de ouvido”: ouvir, escutar. «E depois, padre, falar?». Não, reflete. Antes de falar, fazer. Uma vez um jovem universitário fez-me esta pergunta: «Eu, na universidade, tenho muitos amigos que são agnósticos, que lhes devo dizer para que se tornem cristãos?». E eu respondi: a última coisa que deves fazer é dizer algo. A última. Primeiro tens que fazer, e ele verá como tu geras a vida. Será ele a perguntar-te: «Por que fazes isto?». E então, a esse ponto, podes falar. Antes da palavra o testemunho. Esta é a moldura da mensagem cristã. *Écouter, faire*, e depois dizer, falar.

Além disso, a mensagem cristã não se pode transmitir “no sofá”: é sempre a *caminho*. Sempre. Se não te puseres a caminho não a poderás transmitir. Jesus esteve a caminho três anos. Parecia que vivia na estrada. A caminho, sempre, fazendo algo. A caminho. Ouvir, testemunhar, responder às perguntas, mas a caminho. Um jovem que não se põe a caminho é um jovem reformado aos vinte anos. É mau ir para a reforma aos vinte anos! Não sei... respondi à tua pergunta ou não? És capaz de a repetir? Coragem...

Gabriel, vinte e um anos, expressou o desejo de alguns coetâneos do departamento de Isère de se pôr ao serviço dos

pobres, confidenciando contudo que tem dificuldade em viver a solidariedade na Igreja e sente necessidade de ser acompanhado e orientado; enquanto que Clara-Marie, dezasseis anos, perguntou o que se espera dos jovens cristãos para viver concretamente a caridade.

O tema é o mesmo para ambas. Os pobres estão no centro do Evangelho. Quando eu era seminarista e sacerdote jovem na América Latina, estávamos em 1968; também vós o conhecestes. O que mais importava era a guerrilha, o trabalho político... E se um sacerdote fazia um trabalho com os pobres, aquele sacerdote era “comunista”. Pois a situação política era assim... Parecia que o único grupo que se aproximava dos pobres e lutava pela justiça era o comunista. É o contrário: o Evangelho, o Evangelho põe os pobres no centro. Aliás, põe a pobreza no centro. Se tu não tiveres uma pobreza de espí-



rito, não serás um beato, um bom cristão. É a primeira bem-aventurança: os pobres, os pobres de espírito. Depois, aproximar-se dos pobres, mas não de cima para baixo. É lícito olhar para uma pessoa de cima para baixo só quando te inclinas para a levantar. Noutras situações não é lícito olhar para uma pessoa de cima para baixo. Ir ao encontro dos pobres no mesmo nível, servir os pobres porque eles são imagem de Cristo. E, quando digo pobres, digo pobres de tudo: também os pobres de saúde, os doentes; os pobres de dinheiro; os pobres de cultura; os pobres que caíram nos vícios, nas dependências. Quantos companheiros vossos caíram na droga, por exemplo: são pobres, pobres de Evangelho. «Não, aquele que caiu na droga tem muito dinheiro e família rica, ele não é pobre». Não, ele é um pobre, um pobre. Aproximar-se do pobre para o servir. Aproximar-se do pobre para o levantar. Mas levantá-lo acompanhando-o, ajoelhando-

me e pegando nele. Quando tu tocas a doença de um pobre, estás a tocar as chagas de Cristo. Este é um pouco o sentido dos pobres na Igreja. *Ça va bien?*

Thérèse, 24 anos, lamentou a falta de atenção e de compreensão por parte dos adultos sobre problemas de amor e de sexualidade; e Manon, 16, fez-lhe eco frisando como inesperadamente estes assuntos se tornam complicados e perguntando onde nos deveríamos «posicionar» numa sociedade na qual o corpo é profanado.

A sexualidade, o sexo, é um dom de Deus. Nenhum tabu. É um dom de Deus, um dom que o Senhor nos oferece. Tem duas finalidades: amar-se e gerar vida. É uma paixão, é o amor apaixonado. O verdadeiro amor é apaixonado. O amor entre um homem e uma mulher, quando é apaixonado, leva-te a dar a vida pa-

rido que o homem e a mulher foram criados à imagem e semelhança de Deus, e a sexualidade é a mais atacada pela mundanidade, pelo espírito do mal. Diz-me: Tu viste, por exemplo – não sei se em Grenoble existe – mas tu viste uma indústria da mentira, por exemplo? Não. Mas viste uma indústria da sexualidade separada do amor? Sim! Ganha-se muito dinheiro com a indústria da pornografia, por exemplo. É uma degeneração em relação ao nível que Deus lhe atribuiu. E com este comércio ganha-se muito dinheiro. Mas a sexualidade é grande: preservar a vossa dimensão sexual, a vossa identidade sexual. Preservai-a bem. E preparai-a para o amor, para a inserir naquele amor que vos acompanhará por toda a vida. Vou contar-vos uma coisa, e depois outra. Uma vez na Praça [São Pedro] – eu saúdo o povo na Praça – havia duas pessoas adultas, idosas, que celebravam o sexagésimo aniversário de matrimónio. Estavam radiantes! E eu perguntei: «Discutiste muito?» – «Bem, por vezes...» – «E o matrimónio vale a pena?» – E eles, que olhavam para mim, fitaram-se nos olhos e depois viraram-se para mim, com os olhos molhados, e disseram-me: «Estamos apaixonados». Depois de 60 anos! E quero dizer-vos ainda: certa vez um idoso – muito idoso, com a esposa idosa – disse-me: «Nós amamo-nos muito, tanto e por vezes abraçamo-nos, beijamo-nos... Esta é a verdadeira sexualidade. Nunca deve ser separada do lugar tão belo do amor. E preciso falar assim da sexualidade. *Ça va?*»

Paul, 17 anos, referiu-se ao compromisso dos cristãos, que nem sempre é fácil, na sociedade, tendo em conta que os mass media criticam a Igreja tanto por não se pronunciar como por fazer demais, e perguntou a maneira para gerir isso.

Há também na Bíblia, no início, na Criação, uma palavra que te ajudará. Quando Caim matou Abel, Deus chamou Caim e fez-lhe uma pergunta: «Caim, onde está o teu irmão?». E ele alterou-se um pouco e respondeu: «Sou porventura eu o guarda do meu irmão?». Ali [por contraste] encontra-se o ponto-chave para o compromisso com os demais, quer o compromisso mais familiar, na família, com os amigos, quer com a sociedade. Também o compromisso de fazer algo pela pátria, pelo mundo. O compromisso. Ocupar-se dos irmãos, como tu precisas que os irmãos se ocupem de ti. E esta é a vida cristã: não vivemos isolados. Não estamos isolados, somos um corpo, e Deus quer que estejamos em comunidade, que nos ocupemos uns dos outros, que procuremos ajudar-nos no caminho. O compromisso. Esta é a base do compromisso, do *engagement*, precisamente a base. Depois na família, no bairro, com os amigos. Na sociedade, deve ser uma pessoa que se compromete. Não só os que fazem política, não, não só



«Ejfatá» (Igreja episcopal dos Santos Pedro e Paulo, Washington)

ou não? E quem não estiver de acordo com isto que o diga, assim podemos falar um pouco. Está bem...

Noemi, 17 anos, falou da sua paróquia viva, onde é agradável ir porque os jovens se conhecem. E a propósito pediu ao Pontífice, no caso em que se tivesse de ocupar de uma paróquia, hoje, qual seria a primeira coisa que faria. E Emilie, 25 anos, referiu acerca de alguns seus amigos que se afastaram da Igreja e da própria incapacidade de os acompanhar para Cristo. Por isso, perguntou se o Papa se tinha alguma experiência pessoal de acompanhamento dos jovens para contar.

Eu fui pároco durante seis anos: foi o trabalho mais agradável que fiz. Não me recordo qual foi a primeira coisa que fiz, não me recordo. Mas penso que, se hoje eu fosse nomeado pároco, a primeira coisa que faria seria ir ali, abrir a porta da igreja, ficar lá sentado para receber o povo. Esta é uma. Outra que se pode fazer, e da qual gosto muito, é sair pelo bairro e cumprimentar as pessoas: «Como te chamas? Muito prazer...». Fitar nos olhos. Recordaste de uma palavra que aqui foi dita? «Proximidade». A primeira coisa que um pároco deve fazer: proximidade com o povo. Estar próximo. Uma vez conheci um pároco – não era um pároco, estava no serviço diplomático da Santa Sé – mas tinha sido pároco antes de entrar. E ele dizia-me: «Eu era tão feliz na aldeia onde fui pároco. Conhecía todas as pessoas, conhecia até os nomes dos cães!». Isto é bonito! Está ali, próximo, conhece tudo. O pároco próximo. É verdade que cansa estar próximo do povo porque, quando têm confiança, vêm, perguntam, dizem...

E depois digo uma coisa que tu não perguntaste, mas que talvez te

ajude: qual seria o primeiro conselho que eu, como pároco, daria ao povo? Não mexericar. Por favor, uma paróquia que aprende a não bisbilhotar um contra o outro é santa. Um sacerdote francês contou-me que na paróquia havia uma senhora que falava mal de todos, uma mexeriqueira. A casa dela estava situada ao lado da janela da paróquia, a ponto que ela podia ver dentro da igreja. Um dia aquela mulher adoeceu. Chamou o pároco e disse-lhe: «Padre, eu não posso ir à Missa, receber a Comunhão, o senhor pode-a trazer?». E o pároco, o que respondeu? «Mas senhora, não é necessário, com a língua que a senhora tem, da sua janela chega ao Tabernáculo!». Isto para compreender um pouco. Isto é feio, falar mal. Não, nunca o façais! Mas é bom falar mal dos outros? Sim, é bom, mas depois ficar com a amargura no coração. «E padre, como posso fazer para evitar as intrigas?». Há um remédio ao alcance de todos e que não custa nada: morder a língua.

Há uma antiga regra dos peregrinos, mais ou menos da Idade Média, estes idosos e jovens, quando faziam uma peregrinação tinham uma regra que dizia: nunca, nunca caminhar à frente em relação ao passo do outro. Respeitar o passo do outro. Acompanhar os jovens significa isto: respeitar. E se quiseres dizer-lhe para apressar o passo? «Olha que linda aquela coisa!... Consegues?». Então, se consegues, começa a caminhar um pouco mais rápido. Mas nunca te apresses sem ele. Dizer-lhe uma coisa boa para que ele comece a ir mais depressa.

Um dos interlocutores que já tinha apresentado uma questão voltou depois a perguntar que papel pode desempe-

ñar a Igreja na França, um país laico no qual o número dos cristãos diminuiu bastante, e que sentido tem comprometer-se numa instituição que por vezes parece sem colocação.

A tua pergunta é muito realista, muito realista. Faz-me pensar num torcedor de futebol contratado por uma equipa, que começa a ir-se abaixo, abaixo, e se questiona: como faço para estar nesta equipa? Talvez ele diga: não, não pode ser, mudo de equipa. Se não tiver uma grande paixão por aquela equipa, mas tiver paixão pelo futebol, escolha outra equipa que jogue melhor. Muda de equipa, muda de instituição, mas a pertença à Igreja, antes de tudo, não é uma pertença a uma instituição, mas a uma pessoa, a Jesus. No Domingo de Ramos Jesus estava em triunfo; quando fez a multiplicação dos pães queriam fazê-lo rei – seria uma boa instituição! – mas na Sexta-Feira Santa estava crucificado. Trata-se de seguir Jesus, não de seguir as consequências de Jesus. Não as consequências sociais: se a igreja é grande ou pequena... não, mas Jesus. Segui-lo nos momentos tranquilos, quando a Igreja floresce; e segui-lo no momento em que a Igreja está em crise. Repara na história da Igreja: com a Igreja aconteceu assim. A Igreja não foi levada por diante por grandes organizações, grandes partidos políticos, grandes instituições... Não. Quem levou a Igreja por diante foram os santos. E hoje em dia serão os santos que a levarão por diante, não nós, nem sequer o Papa. Não, os santos. Eles abrem o caminho à nossa frente. E porquê os santos? Porque seguem Jesus. A fé não é uma ideia: é um encontro com Jesus. Eu desejo-te

CONTINUA NA PÁGINA 14

eles. Todos, todos. No lugar onde te encontras. És contabilista? Encontra maneira de o fazer. És médico? Vê como podes fazer. Cada um. Mas não se pode ser cristão sem se comprometer na sociedade, sem criar a sociedade. Não vos escandalizeis com isto. Para ser bom cristão, é preciso sujar as mãos, para ajudar os outros. Não só as ideias, não, com os factos. Comprometer-se. E muitas vezes erramos, é humano errar. Peço desculpa e vou em frente. Mas compromisso. O que posso fazer pelos outros? Pela minha família, pela minha pátria, pelo mundo. Procurar sempre... O contrário de Caim. Caim lavou as mãos. Pilatos lavou as mãos. O cristão suja as mãos. Compreendeis? Para fazer o bem aos outros.

E havia outra coisa que te queria dizer... Contra o compromisso cristão há dois inimigos maus. O primeiro é o egoísmo: «Não... Eu preservo as minhas coisas, o meu dinheiro, a minha família...». O fechamento. O egoísmo é um fechamento. As pessoas egoístas não sabem olhar para o horizonte. É precisamente um fechamento do coração. Pensai numa mãe: uma mãe egoísta, como faria? Imaginemos como faria: levanta-se, olha para a criança, é a hora de amamentar, dá-lhe o leite... e faz as suas coisas; depois está sujo, limpa-o, e deixa-o... É uma mãe egoísta, fechada em si mesma. Uma verdadeira mãe o que faz? Não dorme para ouvir a criança! Levanta-se, vai, abraça-a, beija-a. Depende do seu menino. Está envolvida na vida do menino. Eis, este é um dos inimigos: o egoísmo. Outro inimigo, muito forte, que chega quando alguém começa a ter um compromisso mais importante na sociedade, quando tem uma profissão, um lugar importante, é a corrupção. A corrupção é viver para si mesmo. Mas é tão negativa que acaba por não te deixar viver para ti mesmo, mas por te fazer viver «para os bolsos»: apegas-te ao dinheiro. É uma coisa muito má. A corrupção do coração, a corrupção corta todos os ideais.

Então: Caim, a voz de Deus que diz: «Onde está o teu irmão?», ou seja, tu deves ocupar-te do irmão. Pilatos lavou as mãos; o cristão que suja as mãos pelos outros, compromete-se na sociedade e trabalha. E depois está atento ao egoísmo que fecha o coração, e à corrupção que tira o coração do seu lugar e o coloca nos bolsos. É claro? Concordais

Aos sacerdotes da diocese de Créteil

Homens perdoados

Os sacerdotes não são consagrados «para serem “super-heróis”» mas são «enviados cientes de que são homens perdoados». Recordou o Papa a um grupo de sacerdotes da diocese francesa de Créteil, recebidos em audiência na manhã de 1 de outubro, na Sala Clementina, por ocasião da peregrinação a Roma guiada pelo bispo Michel Santier.

Queridos irmãos e irmãs, bom dia! Acolho-vos com alegria no primeiro dia deste tempo forte e fraterno que o vosso Bispo e o seu Conselho vos propuseram viver em Roma. Agradeço a D. Santier as suas palavras e esta iniciativa e, através de vós, envio a minha cordial saudação e a minha proximidade espiritual a todos os fiéis da Diocese de Créteil. Je lui disait: «Vous êtes un évêque qui travaille!» [A ele disse: «você é um bispo que trabalha!»].

Desejo antes de tudo dar graças a Deus que vos chamou e «escolheu para o serviço do seu Evange-

lho» (cf. Rm 1, 1), para serdes no meio do seu povo administradores fiéis dos mistérios de Cristo. Vivemos num contexto em que a barca da Igreja é atingida por ventos contrários e violentos, devido especialmente a graves culpas cometidas por alguns dos seus membros. É também muito importante não esquecer a humilde fidelidade diária ao ministério que o Senhor permite que viva a maior parte dos que doou à sua Igreja como sacerdotes! Nós sabemos que, respondendo à chamada do Senhor, não fomos consagrados mediante o dom do Espírito para sermos “super-heróis”. Fomos enviados com a consciência de sermos homens perdoados, para nos tornarmos pastores à maneira de Jesus, ferido, morto e ressuscitado. Pois a nossa missão como ministros da Igreja é, hoje como ontem, testemunhar a força da Ressurreição nas feridas deste mundo. Desta maneira somos chamados a progredir humildemente pelo cami-

nho da santidade, ajudando os discípulos de Jesus Cristo a responder à sua vocação baptismal, para que sejam cada vez mais missionários, testemunhas da alegria do Evangelho. Aliás, não é porventura este o sentido do Sínodo diocesano que celebraste em 2016?

Queridos amigos, dedicando algum tempo a refletir sobre a revisão da organização da vossa Diocese, não tenhais receio de ver as feridas da nossa Igreja, não para vos lamentardes delas, mas para ir até Jesus Cristo. Só Ele nos pode curar permitindo que voltemos a partir d'Ele e encontremos, com Ele e n'Ele, os meios concretos para propor a sua vida a todos, num contexto de pobreza e de carência. Porque «se alguma coisa deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade

CONTINUA NA PÁGINA 14

Audiência do Pontífice aos peregrinos da arquidiocese de Cracóvia

Herança de João Paulo II

Na manhã de 10 de outubro, o Papa Francisco recebeu na sala Paulo VI os participantes na peregrinação organizada pela diocese polaca de Cracóvia, na iminência do quadragésimo aniversário da eleição de João Paulo II para a Sé de Pedro. Depois das palavras que lhe foram dirigidas pelo arcebispo Marek Jędraszewski, o Santo Padre pronunciou as seguintes palavras de saudação.

Prezados irmãos e irmãs!

Bem-vindos! E obrigado pelo vosso caloroso afeto! Agradeço ao Arcebispo Marek as suas amáveis palavras e saúdo fraternalmente o Cardeal Stanislaw e os Bispos presentes.

Viestes como representantes da Santa Igreja de Deus que está em Cracóvia, a qual me recebeu de braços abertos no verão de 2016. Vós viestes juntamente com os vossos Pastores e com as pessoas consagradas, para dar graças a Deus pela vida e pelo pontificado de São João Paulo II, na iminência do quadragésimo aniversário da sua eleição para a Sé de Pedro. Saúdo cordialmente todos vós, de modo particular os pobres, os doentes e os numerosos jovens que participam na peregrinação.

São João Paulo II enriqueceu a Igreja universal com uma grande abundância de dons, os quais

em boa parte herdou do tesouro de fé e de santidade da vossa terra e da vossa Igreja. Ele trazia no coração e, por assim dizer, na carne os testemunhos dos Santos de Cracóvia: de Santo Estanislau e da Rainha Santa Edviges a Santo Alberto e Santa Faustina. Deles aprendeu a incomensurável dedicação a Deus e a enorme sensibilidade por cada homem; dedicação e sensibilidade que se manifestaram no seu ministério sacerdotal, episcopal e papal. Recebeu de Deus o grandioso dom de saber ler os sinais dos tempos à luz do Evangelho, levando-o a frutificar em benefício do caminho do seu povo, do vosso povo, que nas várias vicissitudes dolorosas nunca perdeu a confiança em Deus, nem a fidelidade à própria cultura arraigada no espírito cristão.

Fiel a estas raízes, ele procurou fazer com que a Igreja se levantasse como guardiã dos direitos inalienáveis do homem, da família e dos povos, para ser sinal de paz, de justiça e de desenvolvimento integral para toda a família humana. Ao mesmo tempo, ele ressaltou sempre a prioridade da graça e da obediência à vontade de Deus, antes de qualquer cálculo humano.

Esta rica herança, que São João Paulo II nos deixou, é para nós – e de maneira especial para os seus compatriotas – um desafio a sermos fiéis a Cristo e a respondermos com jubilosa dedicação



à chamada à santidade, que o Senhor dirige a cada um e a cada uma de nós, na nossa específica situação pessoal, familiar e social.

Estimados irmãos e irmãs, São João Paulo II não deixa de velar sobre a Igreja que está em Cracóvia, que ele tanto amou! Do Céu, acompanha o vosso caminho: as famílias, os jovens e os avós, os sacerdotes, as religiosas e todos os consagrados; os mais desfavorecidos e quantos sofrem. Também eu, juntamente convosco, me confio à sua intercessão. Agradeço-vos esta vossa visita e abençoo todos vós e a inteira comunidade diocesana de Cracóvia. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim!

E, antes de vos conceder a Bênção, convido todos vós a recitar uma Ave-Maria a Nossa Senhora.

Em diálogo com os jovens franceses

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 13

que este encontro te acompanhe por toda a vida.

Por fim Pauline, 27 anos, perguntou como acompanhar a vocação de cada um.

A vocação é um dom de Deus, e é preciso preservá-la. Tu referias-te às vocações sacerdotais, da vida religiosa, ou a todas as vocações?

A jovem explicou que se referia às vocações religiosas e sacerdotais.

O Senhor chama. E a pessoa chamada diz: «Eu quero ser freira, quero ser sacerdote, desejo ser religiosa...». E começa um caminho, que deve ser acompanhado com normalidade. Normalidade. Eu tenho receio dos seminaristas que fazem assim [que assumem uma “pose”] tenho medo, pois não são normais. Queres ser padre? Tens que ser um homem

verdadeiro que vai em frente. Queres ser freira? Tens que ser uma mulher madura que vai em frente. Nunca renegar a humanidade. Que sejam normais, porque o mal que faz um sacerdote neurótico é terrível! E o mal que pode fazer uma religiosa neurótica é terrível! Primeiro: acompanhá-los na normalidade. Segundo: acompanhá-los na fé. Que cresçam na fé, na compreensão da beleza de Deus, na compreensão do caminho de Jesus, e que a própria vida mude

na relação com a oração. Terceiro: acompanhá-los na pertença comunitária. Um sacerdote não pode estar isolado da comunidade: é um “solteirão”. Solteirão é aquele que não se casa e torna-se velho. Aquele que não se casa e fica sozinho por toda a vida. *Célibataire*, mas eu disse uma palavra mais forte. Não, o sacerdote não deve ser um “solteirão” isolado, tem que ser um pai. A paternidade: educá-los na paternidade. E também na fraternidade. O mesmo com a religiosa: a religiosa tem que aprender a ser mãe de muitas pessoas, e a comunidade também. Mas a freira tem uma vantagem em relação ao sacerdote, uma grande vantagem – por isso penso que as religiosas são mais importantes que os sacerdotes – neste sentido: elas são o ícone de Maria e da Igreja. É belo! O ícone de Maria. Uma religiosa é o ícone de Nossa Senhora e da Igreja. Educá-la assim, em comunidade, sempre. Ajudá-la a crescer e acompanhá-la.

Por fim o Papa saudou assim.

Uma grande saudação, e ide sempre em frente! Na vida todos cometemos erros, há deslizes, mas recordai o cântico dos alpinos: «Na arte de subir, o segredo não consiste em não cair, mas em não permanecer na queda». *Ça va bien?*

Agora, convido-vos a rezar juntos: «Ave Maria...».

Em seguida, depois de ter concedido a bênção, concluiu assim em francês.

Et priez pour moi, je vous prie. J'en ai besoin, parce que ce travail ce n'est pas facile!

Aos sacerdotes da diocese de Créteil

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 13

com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 49). Nesta perspectiva, pedi com insistência ao Espírito Santo que vos guie e ilumine: Ele vos ajude, no cumprimento do vosso ministério, a tornar a Igreja de Jesus Cristo amável e amorosa, segundo a bela expressão da Venerável Madeleine Delbrêl. Com esta força que vem do alto, sereis estimulados a sair para vos tornardes cada dia mais próximos de todos, em particular de quantos estão feridos, marginalizados, excluídos.

Durante a vossa peregrinação a Roma, confrontar-vos-eis acerca do incremento da pastoral das vocações para o ministério ordenado e para a vida consagrada. Recordemo-nos que «onde há vida, fervor, paixão de levar Cristo aos outros,

surgem vocações genuínas» (*ibid.*, 107). Mas é também através da vossa maneira de viver o ministério que permitireis que os jovens aceitem a chamada do Senhor ao sacerdócio ou à vida consagrada. Por isso, encorajo-vos a manter o vosso olhar fixo em Jesus Cristo e a cultivar o vínculo particular que vos une a Ele, através da oração pessoal, da escuta da sua Palavra, da celebração dos Sacramentos e do serviço aos irmãos. É importante favorecer e desenvolver a qualidade da vida fraterna, entre vós e no seio das vossas comunidades, a fim de que o valor e a beleza do ministério e da vida consagrada sejam reconhecidos por todos como o serviço de uma verdadeira comunhão missionária! Haurindo da nascente da graça da vossa chamada e com a força do Espírito Santo, sereis testemunhas daquela esperança que não desilude (cf. *Rm* 5, 5), não obstante as dificuldades e a cansaça de cada

dia; manifestareis, através da vossa vida diária, e até na experiência das vossas fragilidades, que o dom da vida ao serviço do Evangelho e dos irmãos é fonte de uma alegria que ninguém nos pode tirar. Transpareça em vós esta alegria que se aprofunda na amizade com o Senhor e na atenção continuamente renovada em relação aos demais, sobretudo os pequeninos e os pobres. Mas principalmente, deixai-vos transformar e renovar pelo Espírito Santo para reconhecer qual é a palavra que o Senhor Jesus deseja oferecer ao mundo mediante a vossa vida e o vosso ministério (cf. Exort. ap. *Gaudete et exultate*, 24).

Com esta esperança, confio-vos ao Senhor, por intercessão da Virgem Maria e a oração da Venerável Madeleine Delbrêl, e concedo a Bênção Apostólica a vós e a todos os fiéis da Diocese de Créteil. E, por favor, rezai por mim como eu rezo por vós! Obrigado.



INFORMAÇÕES

Audiências

O Papa Francisco recebeu em audiências particulares:

No dia 13 de outubro

Sua Ex.^{cia} o Senhor Sebastián Piñera Echenique, Presidente da República do Chile, com a Ex.^{ma} Esposa e o Séquito.

O Senhor Cardeal Marc Ouellet, Prefeito da Congregação para os Bispos.

No dia 15 de outubro

Sua Ex.^{cia} o Senhor Andrzej Duda, Presidente da República da Polónia, com o Séquito.

D. Augustine Kasujja, Núncio Apostólico na Bélgica e em Luxemburgo.

Renúncias

O Santo Padre aceitou a renúncia:

A 11 de outubro

De D. François Eid, ao cargo de Visitador Apostólico para os fiéis maronitas residentes na Grécia, Bulgária e Roménia.

A 12 de outubro

Do Senhor Cardeal Donald W. Wuerl, ao governo pastoral da Arquidiocese de Washington (EUA).

A 13 de outubro

De D. Valter Dario Maggi, ao governo pastoral da Diocese de Ibarra (Equador).

Nomeações

O Sumo Pontífice nomeou:

No dia 11 de outubro

Visitador Apostólico para os fiéis maronitas residentes na Grécia, D. Youssef Soueif, atualmente Arcebispo de Chipre dos Maronitas.

Visitador Apostólico para os fiéis maronitas residentes na Bulgária e na Roménia, D. Michel Aoun, atualmente Bispo de Jbeil dos Maronitas.

No dia 13 de outubro

Auxiliar do Patriarcado de Lisboa (Portugal), o Rev.^{do} Pe. Daniel Batalha Henriques, até esta data Pároco de Torres Vedras e de Matacães e Vigário Forâneo da Vigararia de Loures-Divelas, em Lisboa, simultaneamente eleito Bispo Titular de Aquae Thibilitanae.

D. Daniel Batalha Henriques nasceu a 30 de março de 1966 em

Sant'Isidoro, Mafra, patriarcado de Lisboa (Portugal). Frequentou o curso de filosofia no seminário São Paulo de Almada (atualmente diocese de Setúbal) e de teologia na universidade católica portuguesa, residindo no seminário maior Cristo Rei dos Olivais. Foi ordenado Sacerdote no dia 1 de julho de 1990 para o clero do patriarcado. Desempenhou os seguintes cargos: formador no seminário São Paulo de Almada; pároco de Ramada e Algés-Cruz Quebrada; diretor espiritual do seminário maior; e membro dos conselhos presbiteral e pastoral.

O saudoso Prelado nasceu em Aliodian (Filipinas), a 10 de dezembro de 1934. Foi ordenado Sacerdote no dia 16 de dezembro de 1962. Recebeu a Ordenação episcopal em 15 de março de 1976.

D. Engelbert Siebler, ex-Auxiliar de München und Freising (Alemanha).

O ilustre Prelado nasceu em Munique (Alemanha), no dia 29 de maio de 1937. Recebeu a Ordenação sacerdotal a 29 de junho de 1963. Foi ordenado Bispo em 20 de abril de 1986.

A 14 de outubro

D. Ramón Darío Molina Jaramillo, Bispo Emérito de Neiva (Colômbia).

O saudoso Prelado nasceu a 31 de agosto de 1935 em Envigado, na Colômbia. Foi ordenado Sacerdote franciscano no dia 26 de outubro de 1961 e recebeu a Ordenação episcopal em 29 de junho de 1977.

A 16 de outubro

D. Giovanni Moretti, ex-Núncio Apostólico.

O venerando Prelado nasceu a 20 de novembro de 1923, em Meina (Novara), Itália.

Recebeu a ordenação sacerdotal no dia 28 de junho de 1947. Foi Ordenado Bispo a 24 de outubro de 1971.

Prelados falecidos

Adormeceram no Senhor:

A 10 de outubro

D. Laurence Forristal, Bispo Emérito de Ossory (Irlanda).

O venerando Prelado nasceu em Jerpoint Church (Irlanda), a 5 de junho de 1931. Recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 21 de dezembro de 1955. Foi ordenado Bispo em 20 de janeiro de 1980.

A 11 de outubro

D. Ireneo A. Amantillo, Bispo Emérito de Tandag (Filipinas).

Apresentação do novo substituto à Secretaria de Estado

Acompanhado pelo secretário de Estado, cardeal Pietro Parolin, o Papa foi à biblioteca da Secretaria de Estado, na manhã de 15 de outubro, memória litúrgica de Santa Teresa de Jesus, doutora da Igreja, para apresentar o arcebispo Edgar Peña Parra, o qual inicia o seu serviço como substituto para os assuntos gerais. Recebido com um caloroso aplauso pelos responsáveis e oficiais das três secções, o Pontífice deu as boas-vindas ao novo substituto e, ao desejar-lhe bom trabalho, quis recordar a figura de Giovanni Battista Montini — que desempenhou o mesmo cargo de dezembro de 1937 a novembro de 1952, tendo sido em seguida pró-secretário de Estado para os assuntos gerais, até novembro de 1954 — e recomendou ao arcebispo Peña Parra que siga o seu exemplo. O substituto respondeu às palavras de Francisco, agradecendo-lhe a confiança e prometendo realizar um serviço fiel à Santa Sé, ao Pontífice e à Igreja de Cristo. No final do encontro, que se prolongou por mais de meia hora, o Papa e D. Peña Parra saudaram um por um todos os presentes.

O Papa demitiu do estado clerical Francisco José Cox Huneeus e Marco Antonio Órdenes Fernández

O Papa Francisco demitiu do estado clerical Francisco José Cox Huneeus, arcebispo emérito de La Serena (Chile), membro do Instituto dos padres de Schönstatt, e Marco Antonio Órdenes Fernández, bispo emérito de Iquique.

Em ambos os casos, como se lê num comunicado da Sala de imprensa da Santa Sé, difundido na manhã de 13 de outubro, foi aplicado o artigo 21 § 2, 2º do Motu

proprio *Sacramentorum sanctitatis tutela*, como consequência de manifestos atos de abusos contra menores. A decisão tomada pelo Pontífice no dia 11 não admite recurso.

A Congregação para a doutrina da fé já informou os interessados, através dos seus respetivos superiores, nas suas residências. Francisco José Cox Huneeus continuará a fazer parte do Instituto dos padres de Schönstatt.

Oportunidade de reconciliação

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 11

tejam dispostos até a dar a nossa vida por Cristo» (*Ibidem*).

Transmito daqui a minha saudação a todo o Santo Povo de Deus que peregrina em El Salvador e hoje vibra de alegria por ver um dos filhos elevado às honras dos altares. A sua gente tem uma fé viva que exprime mediante várias formas de religiosidade popular e que plasma a sua vida social e familiar: a fé do Santo Povo fiel de Deus. A vós, sacerdotes e Bispos, peço: «Cuidai do Santo Povo fiel de Deus, não o escandalizeis, cuidai dele!». E não faltaram dificuldades, a chaga da divisão, o flagelo da guerra; a violência sentiu-se com força na sua história recente, mas este povo resiste e vai em frente. Não foram poucos os salvadorenhos que tiveram de abandonar a própria pátria em busca de um futuro melhor. A recordação de São Óscar Romero constitui uma extraordinária oportunidade para lançar uma mensagem de paz e de reconciliação a todos os povos da América Latina. O povo amava D. Romero, o Povo de Deus gostava dele. E sabeis porquê? Porque o Po-

vo de Deus sabe intuir bem onde há santidade. É aqui no meio de vós, eu deveria agradecer a muitas pessoas, a todo o povo que o acompanhou, que o seguiu, que permaneceu ao seu lado. Contudo, como posso agradecer a todos? Por isso, escolhi uma pessoa, uma pessoa que esteve muito próxima dele, que o acompanhou e o seguiu; uma pessoa muito humilde do povo: Angelita Morales. Nela vejo a representação do Povo de Deus. Pediria a Angelita que venha aqui [aplausos e cânticos, enquanto a senhora Morales se aproxima].

Juntamente com a alegria de todos vós, peço a Maria, Rainha da Paz, que ampare com ternura todos os habitantes de El Salvador, e a nosso Senhor, que abençoe a sua gente com a carícia da sua misericórdia... E, por favor... pagastes um bilhete para entrar aqui, ou não? [Respondem: "não!"]. Bem, agora deves pagar, e o preço é que oreis por mim. Antes de receber a Bênção, rezemos à Virgem. Ave Maria... São Óscar Romero [Respondem: Ora por nós], e que Deus Todo-Poderoso vos abençoe...

Até o insulto, o desprezo e a indiferença em relação ao próximo «podem matar», recordou Francisco durante a audiência geral de quarta-feira 17 de outubro, na praça de São Pedro. No âmbito do ciclo de catequeses sobre o Decálogo, o Pontífice deu continuidade à reflexão sobre o quinto mandamento, iniciada na quarta-feira passada.



Bom dia, queridos irmãos e irmãs!

Hoje gostaria de prosseguir a catequese sobre a quinta Palavra do Decálogo, «*Não matarás*». Como já salientamos, este mandamento revela que aos olhos de Deus a vida humana é preciosa, sagrada e inviolável. Ninguém pode desprezar a vida do próximo, nem sequer a própria; com efeito o homem traz em si a imagem de Deus e é objeto do seu amor infinito, independentemente da condição em que foi chamado à existência.

No trecho do Evangelho que há pouco ouvimos, Jesus revela-nos um sentido ainda mais profundo deste mandamento. Ele afirma que, diante do tribunal de Deus, até a ira contra o irmão é uma forma de homicídio. Por isso, o Apóstolo João escreverá: «Quem odeia o seu irmão é assassino» (1 Jo 3, 15). Mas Jesus não se limita a isto, e na mesma lógica acrescenta que até o insulto e o desprezo podem matar. É de verdade que nós estamos habituados a insultar. Em nós o insulto nasce espontâneo como se fosse um respiro. Mas Jesus diz-nos: «Detém-te, porque o insulto faz mal, mata!». O desprezo. «Mas eu... desprezo esta gente». E esta é uma forma de matar a dignidade de uma pessoa. Como seria bom se este ensinamento de Jesus entrasse na mente e no coração, e cada um de nós dissesse: «Nunca insultarei ninguém». Seria um bom propósito, porque Jesus nos diz: «Olha, se tu desprezares, insultares, odiares, isto é um homicídio».

Nenhum código humano equipara gestos tão diferentes, atribuindo-lhes o mesmo grau de juízo. E, coerentemente, Jesus convida até a interromper a oferenda do sacrifício no templo, se nos recordarmos que um irmão está ofendido connosco, a ir à sua procura para nos reconciliarmos com ele. Também nós, quando vamos à Missa, deveríamos ter esta atitude de reconciliação com as pessoas com as quais tivemos problemas. Só pensar mal delas, já é um insulto. Muitas vezes, enquanto esperamos que o sacerdote chegue para celebrar a Missa, bisbilhotamos um pouco e falamos mal do próximo. Mas não se pode fazer isto! Pensemos na gravidade do insulto, do desprezo, do ódio: Jesus coloca-os no nível do assassínio.

O que tenciona dizer Jesus, ampliando a tal ponto o âmbito da quinta Palavra? O homem tem uma vida nobre, muito sensível, e possui um eu recôndito não menos importante que o seu ser físico. Com efeito, para ofender a inocência de uma criança é suficiente uma frase inoportuna. Para ferir uma mulher, pode bastar um gesto de insensibilidade. Para partir o coração de uma jovem, é suficiente negar-lhe a confiança. Para aniquilar um homem basta ignorá-lo. A indiferença mata. É como se disséssemos a outrem: «Para mim estás morto», porque tu o mataste no teu coração. Não amar é o primeiro passo para matar; e não matar é o primeiro passo para amar.

No início da Bíblia lê-se aquela frase terrível que saiu dos lábios do primeiro homicida, Caim, depois de o Senhor lhe ter perguntado onde está o seu irmão. Caim respondeu: «Não sei! Sou porventura eu o guarda do

Audiência geral sobre a quinta palavra do Decálogo

Desprezo e indiferença também matam

meu irmão?» (Gn 4, 9).¹ Assim falam os assassinos: «Não me diz respeito», «são problemas teus», e outras frases semelhantes. Procuremos responder a esta pergunta: somos nós os guardas dos nossos irmãos? Sim, somos! Somos guardas uns dos outros! E este é o caminho da vida, é a vereda do não-assassínio.

A vida humana precisa de amor. E qual é o amor autêntico? É aquele que Cristo nos mostrou, ou seja, a misericórdia. O amor ao qual não podemos renunciar é aquele que perdoa, que acolhe quem nos fez mal. Nenhum de nós pode sobreviver sem misericórdia; todos temos necessidade do perdão. Portanto, se matar significa destruir, suprimir, eliminar alguém, então *não matar* quer dizer cuidar, valorizar, incluir. E também perdoar.

Ninguém se pode iludir, pensando: «Estou tranquilo, pois não faço nada de mal». Um mineral ou uma planta têm este tipo de existência, mas um homem não. Uma pessoa – um homem ou uma mulher – não! Exige-se mais de um homem ou de uma mulher. Há o bem a fazer, preparado para cada um de nós, cada qual o seu, que nos torna nós mesmos até ao fundo. «*Não matarás*» é um apelo ao amor e à misericórdia, é uma chamada a viver segundo o Senhor Jesus, que deu a vida por nós, e por nós ressuscitou. Certa vez repetimos todos juntos, aqui na Praça, uma frase dum Santo sobre isto. Talvez nos ajude: «Não praticar o mal é algo bom. Mas não praticar o bem não é bom». Devemos praticar sempre o bem. Ir além!

Ele, o Senhor que, encarnando-se, santificou a nossa existência; Ele que, com o seu sangue, a tornou inestimável; Ele, «o Autor da vida» (At 3, 15), graças ao qual cada pessoa é um dom do Pai. N'Ele, no seu amor mais forte do que a morte, e pelo poder do Espírito que o Pai nos confere, podemos acolher a Palavra «*Não matarás*» como o apelo mais importante e essencial: ou seja, não matarás significa um apelo ao amor.

1. Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 2.259: «A Sagrada Escritura, na narrativa da morte de Abel por parte do seu irmão Caim, revela, desde os primórdios da história humana, a

presença no homem da cólera e da inveja, consequências do pecado original. O homem tornou-se inimigo do seu semelhante. Deus denuncia a perversidade deste fratricídio: «Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama da terra por mim. No futuro, serás maldito sobre a terra, que abriu a sua boca para beber, da tua mão, o sangue do teu irmão» (Gn 4, 10-11).

A seguir, algumas das saudações proferidas pelo Pontífice no final da catequese.

Saúdo os peregrinos vindos de Portugal e do Brasil, particularmente os fiéis de Itu, Várzea Paulista e Tubarão. Queridos amigos, cuidar do irmão, especialmente de quem passa necessidade ou é esquecido pela cultura do descartar, significa crer que cada homem e cada mulher é um dom de Deus. Não poupemos esforços para que todas as pessoas possam sentir-se sempre acolhidas e amadas nas nossas comunidades cristãs. Que Deus vos abençoe!

Dou as boas-vindas aos peregrinos polacos. Ontem celebrou-se o 40º aniversário da eleição para a Sé de Pedro de Karol Wojtyła, São João Paulo II. Um aplauso a São João Paulo II! São sempre atuais as palavras que ele pronunciou no dia da inauguração do seu pontificado: *Não tenhais medo! Abri, aliás, escancarai as portas a Cristo!* Que elas continuem a inspirar a vossa vida pessoal, familiar e social; sirvam de encorajamento a seguir fielmente Cristo, a vislumbrar a sua presença no mundo e no outro homem, de modo especial no pobre e no necessitado de ajuda. Com efeito, como ensinava o Papa proveniente das estirpes dos polacos, o homem é o caminho da Igreja. Abençoo-vos de coração!

Dirijo um pensamento particular aos jovens, aos idosos, aos doentes e aos recém-casados.

Hoje celebra-se a memória litúrgica de Santo Inácio de Antioquia, Bispo e Mártir em Roma. Aprendamos deste Santo Bispo da antiga Síria a testemunhar a nossa fé com coragem. Por sua intercessão, o Senhor conceda a cada um de nós a força da perseverança, não obstante as adversidades e as perseguições.